

tudo sempre termina com perguntas



AVISO DE ACIONADORES

Este zine reúne textos críticos e/ou explicativos, questionários, relatos, imagens e colagens que abordam questões de bom e mau consentimento, abuso, acionadores, desconstrução de padrões de masculinidade e gênero, ciclos de abuso e sobrevivência e papéis de sobrevivente e perpetradorx nos relacionamentos/relações.

Elx, delx e suas variantes.

Quando a gente tem aula de gramática a gente aprende que para se referir a pessoas de quem se está falando existem dois pronomes, um feminino e um masculino. O feminino se usa para mulheres e o masculino para homens. Assim como o uso de adjetivos para pessoas: a maioria possui uma forma masculina e uma feminina, sendo a diferença em grande parte dos casos o “o” ou “a” no final da palavra. Além disso, aprendemos que quando vamos falar de um grupo de duas ou mais pessoas, com indivíduos de ambos os sexos, utilizamos pronomes e adjetivos masculinos.

A gramática e suas regras são bastante limitadas, e a linguagem escrita e falada reflete diretamente os valores de uma sociedade. Nessas regras que citamos acima estão refletidas não apenas o prevaletimento do masculino sobre o feminino, como também a divisão das pessoas em dois “sexos”: feminino e masculino. Sabemos os nomes, pronomes e adjetivos que vamos utilizar para nos referir a homens ou mulheres.

Acreditamos numa ruptura desse binarismo, não somos mulheres porque temos vaginas, não somos homens porque temos pênis, e definitivamente o mundo não se divide entre homens e mulheres, entre vaginas e pênis. Tentamos aplicar essa ruptura para nossa linguagem escrita, para que assim ela comece a refletir novos valores, valores de ruptura.

É por isso que não utilizamos apenas a forma “ele(a)” ou “elas e eles”, mas sim “elxs”, “delx” etc, mostrando que aqui se inserem pessoas com gêneros variados, ou sem gênero algum, se assim se identificarem.

Essa forma tem algumas variáveis: a palavra “todos”, por exemplo, pode aparecer como “todxs”, “tod#s”, “tods” etc.

Algumas vezes nos apropriamos também dos pronomes possessivos “mi” e “su” da língua espanhola, no lugar de “meu” ou “minha”, e “seu” ou “sua”, já que nos pronomes da língua espanhola não precisamos delimitar o gênero de quem se fala.

Algumas dessas ferramentas ainda são limitadas, já que não têm aplicação na linguagem falada, mas acreditamos que são uma tentativa de iniciar essa transformação. Outra estratégia possível, com a vantagem de também poder ser aplicada à linguagem falada, é a forma dos adjetivos com “i”. Ao invés de “querido” ou “querida”, por exemplo, “queridi”. E assim por diante: “amigui”, “envolvidi”, “engraçadi”, “carinhosi” etc.

Essas são algumas ideias, estratégias, tentativas. É importantíssima a continuidade do debate, a criação de novas ferramentas, que facilitem cada vez mais a compreensão e a disseminação dessas transformações.

Não é só uma questão de sentir-se bem, temos que ver qual a origem desse sentir.

Se nos estruturamos sobre bases não trabalhadas nos dispomos a estar sobre alguma ruína, uma sobra, alguns cacos.

Enquanto liberamos o que sentimos não estaremos apenas rompendo com estruturas que podam, estaremos também originando matéria prima para a construção de novas estruturas restritivas.

De início pensei que a melhor forma seria pensar não só no que seria destruído, mas também no que seria construído. Mas alguém me fez perceber que estamos todos tão interligados que já não é mais possível saber até onde chegarão nossas ações, sobre que tipo de matéria prima ela será.

Uma ação libertadora, ao mesmo tempo em que pode motivar alguém a se libertar, também pode imprimir insegurança em alguém que ainda não se sente livre. Assim como esta mesma ação pode servir de incentivo para que alguém se sinta livre para

criar novas estruturas que irão nos posar A aceitação daquilo que a princípio era rejeitado pode fazer com que padrões sejam excluídos e um novo seja criado. O poder apenas será invertido, mas ainda estará lá.

Mas então como saber os limites de nossas ações? Como garantir uma segurança sobre até onde elas chegarão? E se sentirmos essa segurança, será que ela é real?

Consentir não está apenas na aceitação de uma das partes se não estiver nítido o que está em questão.

Se uma pessoa me diz estar preparada para ouvir o que tenho a dizer e minha fala gera insegurança não considero que essa fala foi consentida. Se alguém concorda com uma situação não significa que saiba inteiramente das consequências de sua aceitação, e talvez por isso o seu “sim” pode não ser consentido até que fiquem evidentes para todos envolvidos os significados dessa situação.

Mas como ter a certeza de que tudo está bem comunicado? Como saber se a ação será mesmo consentida? Como perceber a nitidez do diálogo? Como garantir que esse diálogo esta mesmo expressando o que esta sendo sentido?

Amor Livre e Patriarcado

Achei que estava pronto para relações ditas livre. Achei que estava pronto para superar sentimentos como ciúme, possessividade, exclusividade e tantos outros mais. Achei que sendo racional conseguiria. Mas aqui que se inicia o problema, sendo racional eu consegui superar esses sentimentos. Afinal meu papel como homem é esse: por meio da razão alcançar e superar tudo. A masculinidade matou meus sentimentos, me deixou apenas com a razão e algumas ereções. E isso não basta. Eu não estava pronto.

Comecei a me relacionar com uma pessoa, parecia ser bem legal e dividir diversas afinidades. Desde o início deixei claro meu posicionamento. Achava que bastava falar de forma fria e racional sobre o que acreditava em um relacionamento e o que pensava sobre esse que se iniciava. Percebia que as vezes algo não caía tão bem para essa pessoa e percebia também que as vezes não havia nenhuma resposta devido à insegurança. Mas achava que tínhamos que lidar com nossos problemas e superá-los individualmente, no melhor estilo neo-liberal possível. Achava que ser sincero bastava e que, no fim das contas, essa podia ficar com outras pessoas, o que queria mais ?!

Eu falava muito, mas não conversava muito, depois percebi isso. Quando comecei a me relacionar com outra pessoa durante esse relacionamento disse coisas do tipo: "estou gostando de ficar com essa pessoa e passarei mais tempo com ela, espero que compreenda." Uma frase que parece vir direto da geladeira de tão fria. Via essa pessoa que me relacionava anteriormente de cabeça baixa quando eu estava com outra pessoa. Mas não conversava, tinha deixado meu posicionamento muito claro, por meio do bom e velho *logos*. Mas o pior ainda estava por vir. Paramos de nos relacionar, eu tinha cansado, sabia que ela gostava de mim ainda, mas tinha cansado. Como disse, a masculinidade matou meus sentimentos e me deixou a razão e algumas ereções. Eu tinha também cansado de usar minha razão com essa pessoa, mas não tinha cansado de usar minhas ereções. Então dei um último gás no *logos* expliquei a situação, como pensava politicamente o sexo e tudo mais. De novo achava que estava tudo bem, fui sincero, explicitéi meus pontos, justifiquei minhas ereções e pronto. Se essa pessoa quisesse dizer "não" era só dizer. Só depois percebi que nunca criei um ambiente seguro e de compreensão para se dizer "não". Nunca criei um ambiente que possibilitasse sermos sinceros para além do racional, sobre nossa angústias, medos, desejos, vontades e inseguranças. Mesmo em um relacionamento livre eu estava tendo um clássico relacionamento homem-mulher.

Aos poucos fui percebendo que estava preparado para um relacionamento livre, mas não para um não-patriarcal. Era o privilegiado daquela história e esse privilégio ficava estampado em todos as argumentações sinceras, e frias, que fazia. O privilégio se estampava na maneira como deixava essa pessoa sozinha para resolver seus problemas, já que eu resolvia os meus assim. O privilégio se estampava nos ambientes de debate, ou quase monólogos, que se criavam, e não ambientes de conversas abertas, consentidas e profundas. Comecei a achar que a masculinidade tinha me matado por inteiro. Só concluí que não, porque me sentia envergonhado. Tantos sentimentos, logo esse: vergonha. Parece um sentimento tão típico do homem. Afinal - "se eu faço alguma merda e ninguém sabe: tudo bem; se descobrem: fico com vergonha." Precisava modificar até esse sentimento que me fazia sentir um lixo, pois ele me fazia sentir um lixo porque de outra pessoa um lixo e outras pessoas sabiam disso. Precisava me responsabilizar pelos meus atos, não apagando o que ocorreu, como se de agora em diante sou outra pessoa, mas sim escancarando esses atos e pensando, conversando, mudando diariamente, e principalmente deixando claro para essa pessoa, mesmo que distante, essas conclusões. Como alguém me disse o anti-sexismo é como o veganismo um processo permanente de tentativas, afinal quando você achar que esta sendo o mais anti-sexista possível não é porque realmente está, mas sim porque parou de tentar ser o mais anti-sexista possível.

Como tudo começou

Há pouco menos de um ano, pedi a 2 amigxs por referências de textos em que pudesse ler mais sobre feminismo, mais especificamente sobre a construção dos papéis sociais femininos e masculinos de maneira mais minuciosa. Sabia que essas duas pessoas já haviam lido bastante sobre feminismo e imaginava que poderiam me ajudar. Cresci com o preconceito típico de que feminismo era coisa de *mulheres que odiavam homens*, e depois do meu leve envolvimento com o marxismo minha preguiça com teoria política me afastou de qualquer proximidade do assunto. Quando esbarrei por acaso no *queer*, me maravilhei. Com a inspiração um tanto pós-moderna de fugir de rótulos, e a repulsa crônica aos papéis femininos e ao que eu deveria ser como mulher, encontrei no *queer* uma certa paz de espírito: não preciso ser uma garota, nem um garoto, e não preciso provar nada pra ninguém. Me afastei cada vez mais dos ambientes da "vida real", não aguentava a pressão de ser mais delicada e feminina, os olhares que me julgavam e me sentenciavam feia e malvestida. Talvez isso fosse suficiente, mas percebi depois que me afastava porque aquilo ainda me afetava muito, me sentia insegura com a minha aparência, *não queria ser uma garota, mas ainda queria ser bonita*. E não estava resolvida com esses valores. Assim foi também com a misoginia que construí, a rejeição a garotas femininas, longe de resolver alguma coisa, percebi depois que estava apenas buscando construir o masculino sobre o feminino em mim, mantendo ainda os valores de que a racionalidade e frieza masculinas eram mais desejáveis, respeitáveis, corretos do que a hipersensibilidade feminina. E foi isso que começou a me incomodar no meu relacionamento, que por mais que tentávamos nos questionar politicamente, ter um relacionamento aberto, pautado na amizade e sinceridade, envolvdxs em atividades e estudos políticos que abrangiam, entre tantas coisas, a desconstrução de gêneros, ainda mantínhamos nas nossas discussões e conflitos, *padrões destrutivos de gênero*. Eu gritava e chorava, ele era frio, argumentava e eufemizava seus sentimentos. Muitas vezes via na rua um casal discutindo e era exatamente igual, a garota chorando e gritando, o cara com vergonha da cena, sendo frio e querendo apenas acabar com a discussão. Foi aí que recorri a *essxs* amigxs, queria ler e aprender como sair disso. No meio das referências estava o zine *Learning Good Consent*, de tão bem que *essx* amigx falou do zine, foi o que li primeiro... e foi forte, pesado, libertador, lindo... mudou meu jeito de ver muitas coisas! E a isso eu agradeço a *essx* amigx até hoje, e às pessoas que se dedicaram a esse e outros materiais tão importantes. Num primeiro momento chorei, me senti um lixo, uma agressora. Me desesperei com *tanto abuso em cada relação que construímos*. Mas a sensação de "se tocar" para então poder fazer alguma coisa a esse respeito, mudar em mim, nos relacionamentos que construo, e espalhar isso pra mais pessoas que ainda não se depararam com o assunto, enchia meu coração de esperança. Mostrei o zine pra mais pessoas, e de uma forma ou de outra, mais amigxs se interessaram pelo assunto. Foi muito bom conversar e *perceber as mudanças acontecendo*, aos pouquinhos, aqui e ali, sem deixar de enxergar a imensidão de coisas ainda a serem feitas, e a grande dificuldade em cada uma delas. Foi assim que nos juntamos para construir esse material, com muito carinho, para que seja lido também com carinho. Para que mais pessoas sintam que não estão sozinhas. E que *podemos transformar* nossos ciclos de abuso e sobrevivência, nossos papéis de vítima e perpetradorx. Juntamos textos pessoais e traduções, desenhos e colagens. *E espero que te inspire como uma vez me inspirou*.

Apartando bom consentimento

CUIDEM UMX DO OUTRX



PARA QUE VOCES POSSAM SER PERIGOSXS JUNTXS

Sou uma pessoa socializada como mulher.

Fui criada como mulher. E apesar de nunca ter gostado de seguir comportamentos femininos, apesar de não me sentir mulher, sei que fui criada como tal, e respondo ainda a partir desse criação. Tento questionar meus comportamentos, de onde eles vêm, para saber o que quero manter ou não, mas sei que meu ponto de vista ainda é feminino.

Acho importante essa consciência para não parar de procurar uma mudança, não sei o quanto se sentir queer pode ser reconfortante.

Sinto atração por garotos e garotas. Vou fazer essa distinção aqui não porque acredito na divisão binária de gênero, mas porque eles existem e os corpos e comportamentos das pessoas respondem a isso. Não vou dizer que sinto atração por pessoas queer, porque não sei se já encarei alguém dessa forma realmente.

Por não ser feminina me acostumei a ter amizades masculinas, pela intolerância que tinha com maneiras femininas de encarar situações. Confesso que por muito tempo busquei ser um garoto numa garota, o mais que pude, e isso me tornava a amiga mais legal dos garotos.

É frequente me apaixonar por amigos. Isso tem muito sentido para mim, já que amigxs são pessoas que escolhemos para estar com a gente, que admiramos e gostamos da companhia, alguns amigos acabo vendo como pessoas lindas e aos poucos, ou nem tão aos poucos, me apaixonam.

Por ser mais próxima de garotos e apesar da atração por garotas, era por garotos que me apaixonava, pela maior proximidade e afinidade.

Depois da adolescência me aproximei de mais garotas, mas nada de paixão. Não que a buscasse tanto assim, é uma constatação minha de agora apenas. Com o tempo me aproximei de garotas, ainda garotas para mim, mas com um jeito mais único, uma liberdade maior de agir. Aos poucos senti mais confiança nas garotas que conheci.

Até me apaixonar.

A grande decepção para mim foi que garotas que confiei, uma nem se considerava garota, que demonstraram interesse físico e emocional, acabaram demonstrando muito mais interesse por garotos e concretizando coisas que comigo eram palavras, carinhos e que com o tempo se perdiam. Ao passo que com garotos a coisa virava um romance. Tentei não encarar isso como uma questão de gênero, sim como interesses diferentes por pessoas diferentes, mas foram três casos em que as evidências são difíceis de ignorar. Senti que comigo a coisa foi encarada como uma brincadeira entre meninas. E com o cara a coisa foi levada mais a sério.

Meu ponto aqui é sobre a pressa de sermos algo em que acreditamos, mas que muitas vezes esquecemos de nossos limites. Isso é complicado porque podemos acabar nos desrespeitando e desrespeitando sentimentos alheios, criando em outras pessoas expectativas falsas, do que não somos, mas porque queremos tanto ser isso em que acreditamos, sustentamos essa falsa imagem de nós mesmxs.



um trabalho político mais importante. Demorou anos para que eu realmente lutasse conscientemente contra o sexismo dentro de mim; realmente dissecasse conscientemente esses sistemas de opressão e controle. Para que eu lesse história, teoria, psicologia feminista, poesia, ficção. Para que olhasse para as formas pelas quais nos comunicamos, o que é valorizado e porquê; e quais eram as minhas defesas. Quais eu poderia deixar porque não precisava mais delas agora para sobreviver. Olhei para as especificidades de como queria que fossem o mundo e as minhas amizades. Tentei me tornar mais auto-consciente e mais honesta. Me amar mais e ser mais despretensiosa. Parece ridículo, mas sei que é real, que levei anos de trabalho duro e doloroso para começar a gostar e valorizar mulheres e o feminino em mim e em todo mundo. E esse é o lugar agora onde o meu coração está.

O que teria acontecido se eu tivesse tido a escolha, quando era uma garota, que não queria ser uma?

Se pudesse facilmente ter virado um garoto, eu teria tido esse trabalho? Teria aceitado e cultivado o masculino em mim e continuado a depreciar o resto? Teria me comprometido com as políticas do feminismo radical? Teria trabalhado pra explodir com um mundo que nos mantém todxs em caixas? Se eu pudesse ter virado um garoto, teria lutado para realmente entender a mim e a esse mundo, ou teria sido capaz de apenas relaxar finalmente com meu privilégio e esquecer a respeito.

Se tivesse sido capaz de virar um garoto, talvez tivesse sentido a liberdade de poder fazer todo o tipo de coisas nesse mundo que como uma garota não pude.

Talvez tivesse me sentido valorizada por todo o tipo de coisas diferentes, não só pelo meu corpo e talvez não tivesse passado todos esses anos onde sexo era o único espaço onde sentia poder, e sexo era o único lugar em que tentei lidar com cada pedaço de merda na minha vida e na minha cabeça.

Se eu pudesse ter sido um garoto, talvez não tivesse sido tão preenchida por tanta auto-depreciação e medo.

Quem sabe. Não é tão simples como nada disso. E provavelmente é o tipo de coisa errada para estar se perguntando de qualquer forma.

Como poderia a questão ter sido feita, não o que teria acontecido se eu pudesse ter sido um garoto, mas o que poderia ter acontecido se as pessoas ao meu redor estivessem confrontando gênero, olhando para o mundo que faz de nós o que somos, olhando para as caixas e as razões para que elas existam, e apoiando umxs axs outrxs enquanto criamos e nos recreamos, da forma como quisermos.

Nem sempre tenho sido uma boa aliada transgênero. Já estive apavorada pelas implicações de pessoas nascidas garotas decidindo que elas não são isso, e com medo de que isso de alguma forma enfraqueceria a minha luta.

Já tive medo de fazer perguntas porque não queria parecer que estava fazendo besteira ou sendo chata ou estúpida. Estive cansada, não querendo ter de pensar em algo novo. Mas amo isto mais do que quase qualquer coisa agora. Esta luta, esta vida. Este novo mundo que estamos fazendo.

Gostaria de falar com todxs vocês sobre “avisos de acionadores”

Antes de mais nada, o que é mesmo um “aviso de acionador”?

Um aviso de acionador consiste em um texto em negrito, maiúsculas ou linkado que descreve de uma forma ampla o tipo de texto que se segue. Pode vir como um corte no próprio texto, ou simplesmente no título do texto em questão, advertindo leitorxs dos tipos de acionadores que podem ser encontrados ali.

Mas o que são acionadores?

“Acionadores” são coisas que causam respostas emocionais fortes e pesadas em uma pessoa. Elas geralmente ocorrem depois de uma experiência traumática. O material acionador tem o potencial de lembrar uma pessoa de um evento traumático.

Então isso fere os sentimentos da pessoa, e daí?

Não. Não é uma questão de ferir sentimentos. Algumas coisas que podem acontecer quando uma pessoa é acionada incluem ansiedade, lágrimas, flashbacks, memórias corporais, raiva, insônia, e os vários sintomas que vêm com cada condição. Lembrar uma pessoa de um evento traumático em sua vida tem potencial de causar isto tudo. Ser acionadx pode ser debilitante.

Ok, então que tipos de coisas podem acionar as pessoas?

Isto pode ser um pouco difícil, porque há certos triggers que são óbvios e outros que não são. Materiais acionadores incluem, mas não se limitam a:

Agressão Sexual

- Qualquer coisa que descreva de uma maneira mais detalhada do que as palavras "agressão sexual" descrevem por si só, deve ser colocada depois de um aviso de acionador.

Abuso

- Isto inclui abuso verbal, mental, físico, e sexual. Acionadores para abuso podem ser descritos em uma advertência com uma variedade de formas construtivas.

Acionadores para abuso sexual de crianças, *Aviso de acionador, violência doméstica*, ou *Aviso de acionador: abuso policial - físico e verbal*, são algumas formas aceitáveis de avisos de acionadores.

Auto-mutilação

- Aquelxs que já se auto-lesionaram no passado não precisam ver material relacionado a isto caso seja algo que incomode, ou incite uma recaída de um comportamento que a pessoa escolheu não continuar.

Transtornos alimentares

- Pessoas que já tiveram experiência com TAs no passado também contam. Isto inclui anorexia, bulimia, TANE (transtornos alimentares não-especificados), e transtornos de compulsão alimentar. Você pode incluir no aviso de acionador, se necessário, o transtorno em particular.

Suicídio

- Descrições de suicídio podem ser muito acionadoras para aqueles que perderam uma pessoa amada que se suicidou, ou para aqueles que já tentaram antes.

Violência trans/homo/lesbofóbica

- Pessoas trans e queers também podem ser acionadas por descrições e imagens de violência homo/lesbo/transfóbica, descrições de disforia corporal, e intolerância em geral acerca delas. É algo que elas têm encontrado com frequência, às vezes por toda a sua vida, então por favor, considere este aviso de acionador.

Vício e alcoolismo

- Podem ser acionadores para sobreviventes de abuso, e também para ex-dependentes.

Imagens

- Podem ser acionadoras também; tome nota disto. Imagens que denotam violência (por ex: sangue, pessoas que obviamente foram abusadas), imagens de auto-mutilação, mulheres muito magras ou anoréxicas que serviriam de exemplo ou inspiração etc podem ser muito destrutivas.

Ok, eu quero evitar isto, mas o que devo fazer?

Avisos de acionadores podem te ajudar a publicar o conteúdo que quiser e, com base nisso, ainda dar às pessoas a opção de verem ou não.

Você pode colocar o material acionador em um corte no texto, ou com uma advertência escrita acima do material, alertando sobre o que vem abaixo (esse último é muito bom para imagens).

Você pode colocar um aviso de acionador no topo de um bloco de texto. Mais uma vez, deixe-o grande e em negrito para que não passe despercebido.

Outra coisa ótima que dá para fazer é adicionar aviso de acionador em materiais que você não criou, mas sente que provavelmente deveriam ter um alerta.

Podem ser bem difícil prever cada acionador que existe por aí, ou de ter certeza de como descrever um conteúdo desses de uma forma segura e não muito detalhada. Se você não tiver certeza se deve ou não colocar um aviso de acionador, então coloque.

O que odiava a respeito das garotas?

Odiava que algumas delas mostrassem suas fraquezas, falando abertamente sobre problemas de relacionamento e ou elas não viam ou não estavam envergonhadas pela suas necessidades de aprovação masculina como eu estava. Não queria que essas coisas pessoais reais fizessem parte das nossas vidas faladas. Não queria deixar isso ser importante. Odiava que elas não fossem mais autoconfiantes e que suas necessidades fossem tão óbvias e fortes. Achava que garotas eram inconstantes e competitivas. Tinha inveja mas fingia que estava além disso, e achava que as garotas eram tão irritantes quando elas tinham inveja de mim.

(ÓDIO)

Meninas falavam demais sobre coisas pessoais, e eu tentaria ouvir de perto, ser compreensiva, realmente estar ali para elas. Eu tinha medo de machucar seus sentimentos. Era desgastante. Era mais fácil com os meninos. Eles eram mais fortes e mais distantes. Seus sentimentos não eram tão sérios. Podíamos rir das coisas. Não parecia haver tanta responsabilidade.

Eu gostava do poder que eu tinha de ser melhor do que uma garota.

Odiava garotas que falavam demais sobre teoria política. Achava que elas estavam tentando provar que eram simplesmente tão espertas quanto os caras. Odiava garotas que abraçavam coisas de menininha como certa forma de empoderamento. Parecia tão superficial e sem sentido.

Querida amar mulheres e sair com as sapatões, mas com a cena lésbica que encontrei, não consegui me identificar.

Me senti muito vulnerável perto delas e como se tivesse que aprender as regras de algum novo jogo. Elas estavam sempre falando de quem era GATA GATA GATA GATA, e eu queria ver isso como não objetificador de alguma forma, mas me pareceu tão assustador, e eu não quis jogar.

Odiava falar sobre sexo. Odiava qualquer sinal de que o sexismo realmente nos tocou. Odiava ser lembrada de coisas que não queria sentir. Odiava sentir que deveria automaticamente ter algo em comum com mulheres e me sentir segura e confortável com elas, e capaz de me abrir, quando geralmente me sentia totalmente estranha e não reconhecida. Senti que não havia lugar algum para mim.

E o que mais quero é criar um espaço nesse mundo agora onde possamos ser reais e inteiras e livres de todo esse medo e julgamento e merda que está dentro de nós e dentro de mim.

(AMOR)

Apreendi a respeitar e amar estas partes de mim:

EMPATIA = a habilidade de sair de mim e sentir o que uma outra pessoa sente.

COMPROMISSO - o tipo que vem no coração querendo o melhor para a comunidade, não do tipo egoísta que tem vontade de largar tudo.

Apreendi a querer ver todas as complexidades, em vez de querer fazer as coisas simples e fáceis de lidar. Apreendi a amar meus sentimentos fortes em vez de achá-los loucos; e a amar o criativo em vez de pensar que é algo frívolo e que só empaca o caminho de

Onde estava meu poder? Garotas poderiam ser qualquer coisa, doutoras, advogadas, até mesmo presidentas dos EUA (aham, tá). Doutoras, advogadas, era tudo um monte de merda. Não éramos nada a não ser que tivéssemos um certo tipo de beleza e fôssemos uma espécie de flerte. Tínhamos que ser muito cuidadosas: não sermos vagabundas nem caçadoras de pau, nem nervosas, frígidas, putas, inocentes, nem lésbicas.

Nós éramos nada.

Nada.

E nossos corpos não eram nossos para dizermos quem podia ou não tocá-los.

Eu não queria ser uma garota, mas não tive escolha.

O que a cultura capitalista patriarcal estadunidense branca valoriza como MASCULINO:

auto-controle. racionalidade. coerência. força. a habilidade de grudar numa ideia e nunca ceder. proteger. rir das coisas. agir com confiança não importa o que seja. usar a lógica e a distância emocional para entender o mundo e as ações das pessoas dentro dele. não cuidar das necessidades de mais ninguém.

O que a cultura capitalista patriarcal estadunidense branca valoriza como FEMININO:

um verbo: nutrir.

Algumas das formas pelas quais mulheres são sistematicamente representadas e aviltadas por uma cultura capitalista patriarcal estadunidense branca:

irracionais, histéricas, loucas, insignificantes, desonestas, usam emoções para manipular homens,

precisam ser resgatadas, protegidas e salvas de si mesmas, levam tudo para o lado pessoal, exageram, são onerosas e num geral apenas um tanto ridículas.

Eu era uma garota que odiava garotas.

E todo o meu poder está no meu corpo, então usei isso e o sexo se tornou a coisa mais importante na minha vida.

Quando eu era uma garota queria viver fora da esfera da humanidade. Não me encaixava em lugar algum, e porque eu deveria? Aprendi a valorizar o masculino e depreciar o feminino. E eventualmente comecei a desaprender tudo isso. Pensei – estas palavras são estranhas.

E pensei – masculino e feminino estão em todo mundo e é essa a tarefa revolucionária, de integrar e amar ambos.

Lembro de ler a poesia de Audre Lorde e Adrienne Rich, e os ensaios "Uso do Erótico: O Erótico como Poder" e "Heterossexualidade Compulsória". O livro *This Bridge Called My Back*. A poesia de Ntozake Shange, Mary Oliver; os contos de Grace Paley, *A Redoma de Vidro* (The Bell Jar) de Sylvia Plath.

E queria isso.

Não que suas palavras fossem sempre perfeitas, mas queria poder ver e falar e sentir estas coisas profundas sobre as quais elas escreviam.

Invocar nossa história. Parar de nos destituir. Começar a nomear e mudar a mim e a esse mundo.

Questões sobre consentimento

*Essas questões foram traduzidas dos zines *Learning good consent* e *Apoyo*.

Nem todas as questões têm respostas certas e erradas. Nós as compilamos com a esperança que pudessem ajudar pessoas a pensar profundamente, e ajudar a iniciar conversas sobre consentimento. Sei que é uma lista longa, mas por favor leia e pense honestamente sobre essas questões, uma de cada vez.

1. Como você define consentimento?
2. Você já conversou sobre consentimento com algumx parceirx ou amigx?
3. Você conhece ou já se relacionou com pessoas que definem consentimento de forma diferente que você?
4. Você já se sentiu insegurx com algo que a outra pessoa queria fazer ou algo que estavam fazendo durante uma relação sexual? Vocês conversaram sobre isso? Você ignorou o incômodo com a esperança de que isso mudaria? Você continuou o que estava fazendo porque te dava prazer e você não queria lidar com o que a outra pessoa estava sentindo? Você continuou porque não queria duvidar da outra pessoa? Você continuou porque sentiu que era seu dever? Como você se sente com a decisão que tomou?
5. Você acha que é responsabilidade da outra pessoa se manifestar se não estiver gostando do que você está fazendo?
6. Como alguém poderia expressar que não está bem com o que está acontecendo?
7. Você procura apenas sinais verbais ou existem outros tipos de sinais?
8. Você acha possível interpretar mal o silêncio, achando que é consentimento?
9. Você já perguntou a alguém que tipos de sinais você deve procurar se a pessoa não estiver conseguindo verbalizar quando algo parece errado?
10. Você só pergunta sobre esse tipo de coisa quando está em um relacionamento sério ou você se sente capaz de conversar em situações casuais também?
11. Você acha que falar estraga o clima?
12. Você acha que consentimento pode ser erótico?
13. Você faz perguntas conforme as coisas avançam ou supõe que o consentimento inicial significa que tudo está bem?
14. Se você consegue o consentimento uma vez, você supõe que depois disso sempre estará bem?
15. Se alguém consente alguma coisa, você supõe que todo o resto está bem ou você pergunta antes de tocar de maneiras diferentes ou de levar as coisas a níveis mais intensos?
16. Você se sente ressentido com as pessoas que precisam ou querem conversar sobre ser abusadx? Por quê?
17. Você pensa nas histórias de abuso entre pessoas?
18. Você busca amizade com pessoas porque quer ter relações sexuais com elas, e depois desiste da amizade se a pessoa não está interessada em você sexualmente?

19. Você busca relações sexuais com alguém mesmo depois da pessoa dizer que só quer ser amigx?
20. Você supõe que se uma pessoa é carinhosa, ela provavelmente está sexualmente interessada em você?
21. Você pensa sobre carinho, sexualidade e limites pessoais? Você conversa sobre esses temas com as pessoas? Se sim, você conversa sobre eles só quando quer ter relações sexuais com alguém, ou você conversa sobre eles porque você acha importante e realmente quer saber?
22. Suas próprias intenções estão claras para você?
23. Você já tentou convencer alguém a fazer algo que tenha mostrado hesitação?
24. Você acha que hesitação é uma forma de flertar? Você tem consciência de que às vezes não é?
25. Você acha que é sua responsabilidade ou seu papel superar a hesitação de outra pessoa dando pouco importância ou pressionando-a?
26. Você já achou que alguém estava flertando com você quando na verdade não era isso que a pessoa estava expressando?
27. Você acha que se uma pessoa é promíscua está certo tratá-la como objeto – ou seja, objetiva-la –, ou falar sobre ela de maneiras que normalmente você não falaria sobre alguém?
28. Se uma pessoa é promíscua, você acha menos importante ter seu consentimento?
29. Você acha que se uma pessoa se veste de determinada maneira é correto objetivá-la?
30. Se uma pessoa se veste de determinada maneira você acha que significa que ela quer sua aprovação ou atenção sexual? Você entende que existem muitas outras razões, que não têm nada a ver com você, para uma pessoa querer se vestir ou agir de maneiras que você possa achar sexy?
31. Você normalmente se sente atraídx por pessoas que se enquadram no padrão de beleza tradicional no seu país?
32. Você se sente atraídx por pessoas com um tipo determinado de representação de gênero?
33. Você já objetivou a representação de gênero de alguém?
34. Você supõe que cada pessoa que se enquadra em determinada representação de gênero percebida vai interagir com você da mesma forma?
35. Você se encontra repetindo comportamentos binários de gênero, mesmo em relacionamentos ou amizades queer? Como isso poderia fazer outras pessoas se sentirem?
36. Você considera a sexualidade e a representação de gênero como parte da pessoa inteira, ou você considera que são aspectos exclusivamente sexuais das pessoas?
37. Se uma pessoa está vestida de drag, você vê isso como um convite a fazer comentários sexuais?
38. Você fetichiza as pessoas por sua representação de gênero?

Gênero parte 1

doris zine número 21 - verão de 2003

Quando eu era mais nova queria viver fora do mundo dxs humanxs. Queria ser a menina sozinha, sem julgamento humano ao meu redor; sem seus olhos e mãos e vozes e mesquinhas e necessidades e expectativas. Queria ser a garota na Ilha dos Golfinhos Azuis. Aprenderia a fazer minhas próprias lanças. Quebraria os costumes da minha cultura. Faria o que não era permitido para garotas fazerem, e não teria ninguém em volta para ver então não seria grande coisa mesmo. Seria uma vida normal.

Não estou certa do quão auto-consciente eu era ou se pensava sobre isso dessa forma absolutamente: o que garotas devem ou não devem fazer.

Meus sonhos eram eu e os cervos e os esquilos. Eu e os insetos. Seguia trilhas na floresta. Dormia nos campos. Passeava com os grilos no acostamento da auto-estrada. Nos meus sonhos, eu estava sozinha e aceita.

Quando estava crescendo, o mundo era diferente desse que temos agora. "Girl Power" não havia surgido e nem sido co-optado ainda. John Hughes não havia feito seus filmes.

Vagabundas eram vagabundas e aberrações eram aberrações e não havia nada empoderador ou redentor em qualquer uma das duas coisas.

Comecei a prestar atenção. Comecei a ler revistas adolescentes e a *Cosmopolitan* e a tentar clarear meu cabelo com suco de limão e a esconder meus piores defeitos com as sombras apropriadas de maquiagem.

Li sobre o top dez de segredos do que os homens gostam na cama.

Queria ser baterista da VanHalen, mas sabia que eles nunca deixariam uma garota entrar na banda, então sonhava que eles faziam testes e eu me vestia feito um menino e era tão bom baterista que eles me deixavam tocar, mesmo depois de eu soltar meus cabelos e mostrar que era uma menina.

Eu queria ser forte e valente e desejável. Queria ser uma garota, mas uma garota excepcional.

Quando comecei a odiar garotas? Quando não pude mais ignorar o mundo lá fora?

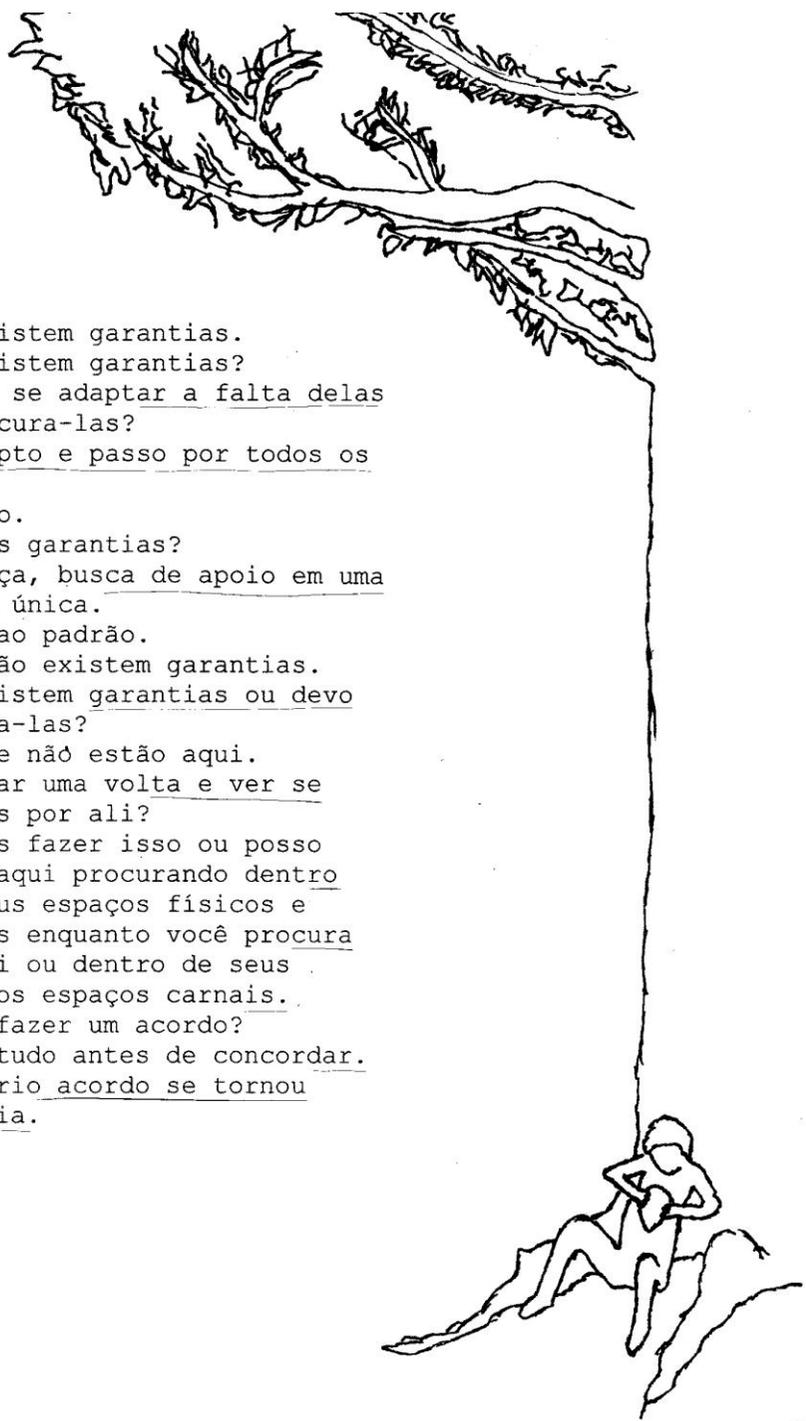
Novas casas, famílias substitutas e o colegial.

No vestiário eu tinha vergonha do meu peito liso e a falta de sutiã, e quando comecei a ter seios, fiquei com tanta vergonha que achei que ia morrer.

O tempo todo, garotos tiravam sarro e teciam comentários sobre o corpo das garotas (e também o faziam as meninas, as garotas julgavam duramente umas as outras).

Eu sentava na mesa do almoço sozinha.

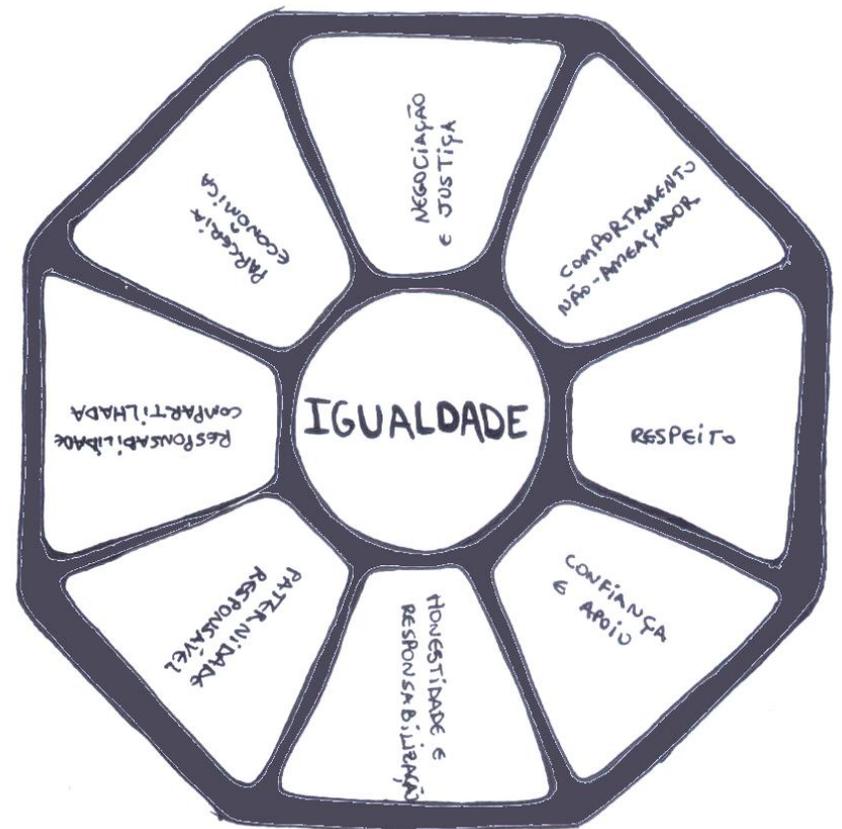
As meninas falavam sobre quais meninos eram bonitos e qual deles gostava de quem, e quem das garotas eram vagabundas. Fofocas, dietas e roupas. Não era uma linguagem que eu conhecia ou que me importasse. Mas o isolamento era terrível.



Não existem garantias.
Não existem garantias?
É para se adaptar a falta delas
ou procura-las?
Me adapto e passo por todos os
já's.
Procuero.
Cadê as garantias?
Cobrança, busca de apoio em uma
figura única.
Volto ao padrão.
Nele não existem garantias.
Não existem garantias ou devo
procura-las?
Sei que não estão aqui.
Quer dar uma volta e ver se
achamos por ali?
Podemos fazer isso ou posso
ficar aqui procurando dentro
dos meus espaços físicos e
carnais enquanto você procura
por ali ou dentro de seus
próprios espaços carnis.
Vamos fazer um acordo?
Expor tudo antes de concordar.
O próprio acordo se tornou
garantia.
Achei.
Achei?

39. Você acha que apenas homens abusam?
40. Você acha que em uma relação entre duas pessoas do mesmo gênero, apenas a pessoa mais "masculina" abusa?
41. Você acha que sexo é um jogo?
42. Você tenta criar situações que te dão uma desculpa para tocar alguém que você acha que diria "não" se você pedisse? Por exemplo, dançando, ficando bêbadx próximo a essa pessoa, dormindo do lado dela.
43. Você tenta fazer acordos? Por exemplo "Se você me deixar _____, eu vou fazer _____ pra você".
44. Você já tentou perguntar a alguém o que elx estava sentindo? Se sim, você ouviu e respeitou essa pessoa?
45. Você já usou ciúmes como meio de controle?
46. Você pressionou su parceirx para que parasse de passar tempo com certxs amigxs, ou para limitar suas interações sociais em geral por ciúmes ou insegurança?
47. Você sente que estar em um relacionamento com alguém significa que a pessoa tem obrigação de fazer sexo com você?
48. E se a pessoa quiser se abster de sexo por uma semana? Um mês? Um ano?
49. Você choringa ou ameaça se não estiver tendo a quantidade ou o tipo de sexo que quer?
50. Você se sente obrigadx a fazer sexo? Você se sente obrigadx a iniciar o sexo?
51. Você acha que está bem começar algo sexual com alguém que está dormindo? E se a pessoa é su parceirx?
52. Você acha importante conversar isso com elx primeiro quando estão acordadxs?
53. Você observa como interage ou como trata as pessoas, de maneira positiva ou negativa, e de onde isso vem, de onde aprendeu isso?
54. Você se comporta de maneira diferente quando está bebendo?
55. Quais são os aspectos positivos de beber para você? Quais são os aspectos negativos?
56. Você agiu sexualmente com pessoas quando estava bêbadx ou quando elas estavam bêbadas? Você já se sentiu desconfortável sobre isso no dia seguinte? A pessoa com quem esteve já agiu de maneira esquisita depois?
57. Você busca consentimento da mesma maneira quando está bêbadx do que quando está sóbrix?
58. Você acha importante conversar no dia seguinte com a pessoa com quem teve relações sexuais se houve bebida envolvida? Se não, é porque é desconfortável ou porque acha que algo que não deveria pode ter acontecido? Ou porque acha que essa é simplesmente a maneira como as coisas acontecem?
59. Você acha que as pessoas precisam encarar as coisas de maneira mais leve?
60. Você acha que essas perguntas são repressivas e que as pessoas que olham criticamente para suas histórias sexuais e seus comportamentos habituais são conservadoras e deveriam ser mais "liberadas"?

61. Você acha que liberação pode ser diferente para pessoas diferentes?
62. Você faz as pessoas se sentirem “não-divertidas” ou “não-liberadas” se elas não quiserem experimentar determinado tipo de coisa sexual? Você acha que tem maneiras de você agir que poderiam fazer alguém se sentir assim mesmo que não seja o que você está tentando fazer?
63. Como você reage se alguém se mostra desconfortável com algo que você está fazendo, ou se a pessoa não quer fazer alguma coisa? Você fica na defensiva? Você se sente culpado? A outra pessoa acaba tendo que cuidar de você e te tranquilizar? Ou você é capaz de dar uma passo atrás, ouvi-la, escuta-la, apoiá-la e tomar responsabilidade por suas ações?
64. Você conta sua versão da história e tenta mudar a maneira como a pessoa viveu a situação?
65. E se dias, meses ou anos depois alguém te diz que se sentiu desconfortável com o que você fez? Você interroga a pessoa severamente?
66. Você faz coisas para mostrar a su parceirx que está ouvindo e que está interessadx em suas ideias sobre consentimento ou sobre o que você fez?
67. Você conversa sobre sexo e consentimento quando não está na cama?
68. Você já estuprou ou abusou ou manipulou sexualmente alguém? Você é capaz de pensar sobre seu comportamento? Você fez mudanças? Que tipo de mudanças?
69. Você se sente desconfortável com seu corpo ou sua sexualidade?
70. Você já foi abusadx sexualmente?
71. Seu próprio desconforto ou sua própria história de abuso te fizeram agir de maneiras abusivas? Se sim, você já conseguiu conversar com alguém sobre isso? Você acha que conversar sobre isso é ou poderia ser útil?
72. Você evita falar sobre consentimento ou abuso porque não está prontx para ou porque não quer conversar sobre seu próprio abuso sexual?
73. Você inicia conversas sobre sexo seguro e contraceção (se aplicável)?
74. Você acha que dizer algo tão vago quanto “fiz o teste há pouco tempo” é suficiente?
75. Você leva a sério as precauções do su parceirx com relação a sexo seguro e/ou contraceção?
76. Você acha que se uma pessoa quer fazer sexo seguro e a outra não se importa muito, é responsabilidade da pessoa que se preocupa fornecer os artigos de sexo seguro?
77. Você acha que se alguém tem um corpo que pode engravidar, e não quer, é responsabilidade dessa pessoa conseguir os contraceptivos?
78. Você reclama ou se recusa a fazer sexo seguro ou ao tipo de contraceptivo que su parceirx quer usar porque reduz seu prazer?
79. Você tenta manipular su parceirx sobre essas questões?
80. Você acha que existe um trabalho contínuo que possamos fazer para acabar com a violência sexual em nossas comunidades?



Negociação e justiça: procurar resoluções mutuamente satisfatórias para os conflitos, aceitar mudanças, estar disposto a se comprometer.

Comportamento não-ameaçador: falar e agir para que as outras pessoas se sintam seguras e confortáveis para se expressar e fazer coisas.

Respeito: ouvir a outras pessoas sem julgamentos, ser emocionalmente compreensivx e afirmativx, valorizar opiniões.

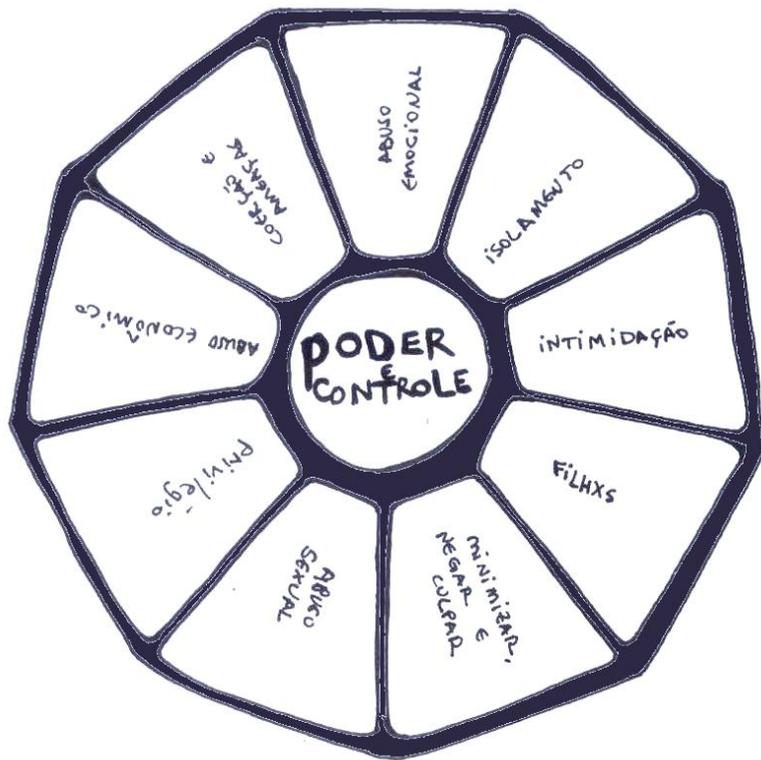
Confiança e apoio: apoiar os objetivos de outras pessoas em suas vidas, respeitar seu direito a seus próprios sentimentos, atividades e opiniões.

Honestidade e responsabilização: aceitar responsabilidade por si, reconhecer utilizações anteriores de violência, admitir estar errado, se comunicar aberta e verdadeiramente.

Paternidade responsável: compartilhar responsabilidades paternas, ser um modelo positivo de não violência para as crianças.

Responsabilidade compartilhada: concordar mutuamente em uma distribuição justa de trabalho, tomar as decisões familiares juntxs.

Parceria econômica: tomar decisões em relação ao dinheiro juntxs, garantir que as duas pessoas se beneficiem com os acordos financeiros.



Uso de abuso emocional: colocar alguém para baixo ou faze-la se sentir mal consigo mesma, xinga-la, faze-la pensar que está louca, humilha-la e faze-la se sentir culpada.

Uso de isolamento: controlar o que alguém faz, quem ela vê e com quem fala, o que lê, onde vai, limitar seu envolvimento exterior, utilizar ciúmes para justificar ações.

Uso de intimidação: fazer alguém ficar com medo utilizando olhares, gestos, ou voz alta, destruir sua propriedade, abusar de animais de estimação, mostrar armas

Uso dxs filhxs: fazer a pessoa se sentir culpada com relação axs filhxs, utilizar filhxs para dar mensagens, utilizar visitas para molestar alguém, ameaçar afastar xs filhxs.

Minimizar, negar, culpar: fazer uso de abuso e não tomar precauções em relação a isso seriamente, dizer que o abuso não

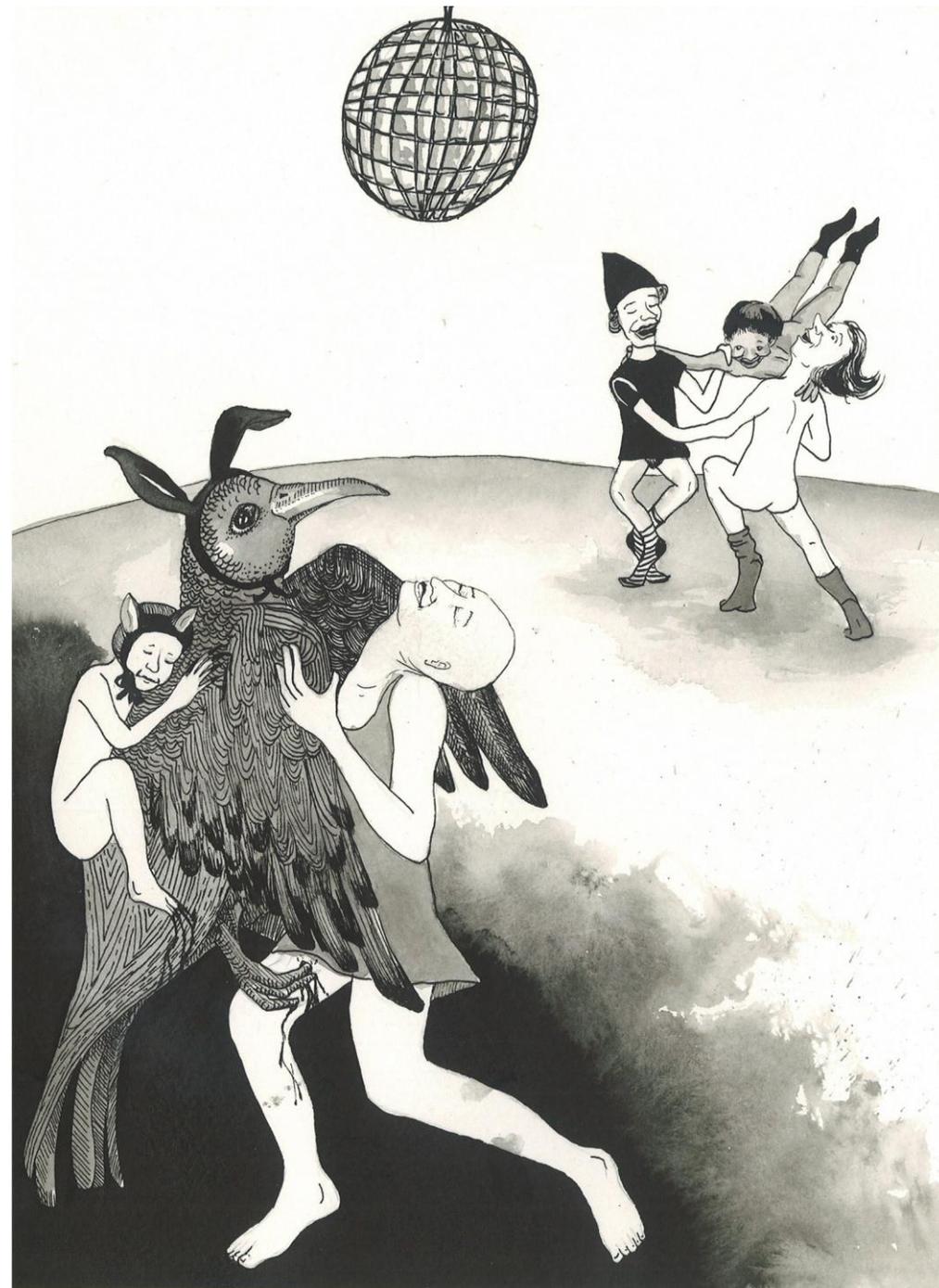
aconteceu, trocar responsabilidade por comportamento abusivo, dizer que a pessoa causou isso.

Abuso sexual: fazer alguém fazer coisas sexuais contra sua vontade, atacar fisicamente as partes sexuais do corpo, tratá-la como objeto sexual.

Uso de privilégio: tratar alguém como servx, tomar todas as "grandes" decisões em um relacionamento, ser a pessoa que define os papeis de gênero.

Uso de abuso econômico: impedir alguém de arrumar ou manter um emprego, fazer a pessoa pedir dinheiro, da a ela uma mesada, tomar seu dinheiro, faze-la não saber ou impedi-la de ter acesso ao dinheiro da família.

Uso de coerção e ameaças: fazer e/ou realizar ameaças de fazer algo para machucar a pessoa, ameaçar partir, ameaçar se suicidar.



Construindo modelos de consentimento saudável

Estou bastante envolvido com a prática de bom consentimento. Todo mundo deveria estar envolvido em praticar bom consentimento! No entanto, nem sempre tenho sido perfeito na prática de consentimento, e ainda estou aprendendo. Considerando que não havia sequer ouvido a respeito do conceito de consentimento além do "não é não" até que tivesse 18 anos, acho válido reconhecer que no processo de combater a cultura do estupro, a gente vai fazer merda ocasionalmente – não existe algo como ser exímio em consentimento! Com isso em mente, estive pensando muito sobre os tipos de conversa que preciso ter com meus parceiros. O jeito que pratico consentimento ainda está se desenvolvendo e melhorando. Estou certo de que ainda há espaço para ficar melhor.

Recentemente tive um encontro sexual no qual praticamos o modelo de consentimento “você quer que eu faça isso-e-isso?” e eu estava realmente gostando de tudo que fazíamos, mas ainda assim me senti uma merda em relação ao encontro porque não senti que era um ambiente seguro o suficiente para que eu tivesse a capacidade de falar “não” ou “pare” em qualquer momento se eu quisesse parar ou se eu mudasse de ideia por alguma razão. Desde então, estive pensando sobre situações nas quais eu possa não ter feito um bom trabalho ao criar um ambiente que fosse confortável para a outra pessoa iniciar um “pare” se eu quisesse, e em como posso fazer um trabalho melhor de criar esse espaço. Um participante não precisa necessariamente rotular como agressão ou estupro um encontro sexual em particular para que eu sinta que o encontro foi uma merda ou que poderia ter sido melhor (embora se eu quiser ou sinta que foi isso o que aconteceu, então sim, é inteiramente a sua prerrogativa de fazê-lo).

Esta é a minha tentativa de delinear como essas conversas sobre consentimento precisam parecer para mim. Esta estrutura geral pode ser usada para qualquer contato junto ao espectro que vai de abraçar a trepar. Acho que estas questões são bastante parecidas com as perguntas de consentimento do zine Apoio, mas enquanto essas são realmente ótimas para descobrir como você como indivíduo pensa e pratica consentimento, estas que vem a seguir são uma ferramenta para que eu descubra com meus parceiros, como nós, no papel de companheiros, queremos praticar consentimento.

Enquanto perguntar aos parceiros se eles quer que você faça isso-e-isso enquanto a coisa se desenrola seja um bom começo, não acho que isso seja o suficiente para ter certeza de que todos os envolvidos estejam se divertindo. Aqui estão as coisas das quais gosto de falar antes de me envolver com qualquer pessoa:

*Tenho certeza de que estou esquecendo de coisas que deveriam estar nesta lista. Estou interessado em saber de todos vocês – como você pratica consentimento? Como podemos continuar melhorando nossas práticas de consentimento?

Nunca fiz a ligação de que estava revivendo os mesmos métodos de controle que meu pai havia usado em minha mãe e em mim. Sempre fui, e ainda sou, a garotinha amedrontada que fisicamente saiu de casa, mas ainda ajo como o faria para evitar o caos daquela casa. A única diferença é que agora consigo ver. Agora consigo fazer as ligações.

Nem todo mundo cresceu num lar violento. Nem todo mundo teve experiências como as minhas. Mas agora que estou consciente, vejo diariamente entre amigos, família e comunidade tantos medos e tão poucas formas de lidar com eles. Vejo cômodos cheios de pessoas ficando quietas e estáticas ou se levantarem e saírem porque uma pessoa está carregando seu dia ruim na postura do seu corpo, resmungando pelo ambiente. Vejo pessoas tendo conversas intensas e uma pessoa falando incessantemente, tentando desesperadamente NÃO ouvir uma conversa que está chegando muito próximo do lar emocional. Vejo pessoas que dizem ter tido infâncias saudáveis e felizes evadindo, isolando, intimidando e alienando de maneiras que são tão prejudiciais quanto violência a elas mesmas e a outras pessoas, mesmo que os métodos sejam sutis e pouco agressivos. Parece ter algo, em algum lugar, em todas as pessoas que encontro.

Há uma infinidade de maneiras de uma pessoa ser afetada por abusos da sociedade, mesmo que não sejam reconhecidas como tal por não serem abertamente violentas ou verbalmente agressivas.

Parece que todas as pessoas ao meu redor estão constantemente em modo de sobrevivência, inclusive eu, mas aprendi que não posso colocar minhas observações para qualquer indivíduo. Eu mesma não teria ouvido e não ouvi quando me chamaram a atenção. Dava desculpas e justificava meus comportamentos abusivos, porque não estava pronta ou disposta para explorar aquela parte de mim ainda. Eu simplesmente não estava num lugar seguro o suficiente para fazê-lo. Aprendi também que não posso provar minha confiabilidade para ninguém afim de estar do lado daquela pessoa. Fazendo isso, apenas me mostrarei disposta a aceitar um comportamento abusivo. A única coisa que posso fazer por qualquer outra pessoa é tomar responsabilidade pelas coisas que são minhas. Posso apenas me afastar de uma situação abusiva, não inverte-la e tentar consertá-la. Posso apenas cuidar de mim mesma, desafiar meu próprio comportamento abusivo internalizado, e descobrir formas de parar de abusar a mim mesma.

Tivemos uma filha juntxs, que aumentou meus sentimentos de aprisionamento. Eu disse a ele que tinha medo de não conseguirmos alimenta-la e abriga-la porque ele era irresponsável com o dinheiro dele. Ao final dos sete anos, eu tinha completo controle do dinheiro dele e do meu; ele tinha uma mesada e entregava todo o seu salário para mim. Eu havia usado a presença de nossa filha para controlar meu parceiro. Usei seu desejo por um local só seu para escrever como uma forma de isola-lo do meu espaço, que era o resto da casa – todos os seis cômodos. Ele e todas as suas coisas viviam em um cômodo separado da casa. Mas ele nunca tinha muito tempo para escrever porque assim que ele chegasse em casa eu precisava do meu espaço. Se ele estava em casa, ele era responsável por cuidar de nossa filha. Eu usava seu privilégio contra ele para fazê-lo se sentir culpado por ter sido bem instruído e tido mais oportunidade que eu. Ele queria entrar para uma universidade, mas não podia porque eu disse que não tínhamos condições de pagar por isso e que não poderíamos pegar mais um empréstimo. Ele queria tocar com seus amigxs, mas não podia porque eu precisava de tempo para mim já que eu ficava com nossa filha o dia todo. Também me recusei a pagar uma babá ou solicitar ajuda financeira para isso para que ambxs tivéssemos tempo livre.

Quando ele tentava conversar comigo sobre sua perda de liberdade e sua falta de participação e decisão em nossas vidas, eu minimizava seus esforços e culpava sua irresponsabilidade e egoísmo.

Na maioria das vezes minha linguagem corporal – a maneira que eu suspirava de frustração pela casa estar uma bagunça e batia o pé de raiva enquanto limpava as coisas – o impedia de alguma vez sentir que poderia se aproximar de mim para conversar. Essa era uma forma de intimidação que eu usava para evitar conversas que eu sabia que não queria ter. Nas poucas vezes que ele realmente foi capaz de se aproximar o suficiente para me confrontar com seus sentimentos de aprisionamento, especialmente se ele começava a dizer alguma coisa que fazia sentido para mim sobre meu comportamento controlador, o medo de ter que encarar a mim mesma se tornava tão intenso que o jeito mais rápido de parar os pensamentos e fazê-lo calar a boca era jogar qualquer objeto que estivesse mais perto de mim em sua direção. Nesse momento, tud parava. Ele saía, se sentindo derrotado. Eu me afastava, culpando-o por não me ouvir. Eventualmente ele recorreu à mentira e manipulação para conseguir um pouco de liberdade pessoas. Eu o confrontava continuamente sobre suas mentiras, mas não tinha compreensão na época de que ele não se sentia seguro o suficiente para me dizer a verdade.

Eu pareço um monstro aqui, mas sei que não sou. Eu senti verdadeiramente como se ele estivesse no controle. Esse é o pensamento mais aterrorizante de todos. Minhas ideias sobre a construção de gêneros destorcem minha perspectiva, e realmente não vi o poder que tinha sobre ele. Achei que por ele ser homem e eu mulher, eu não era capaz de abusar-lo.

Interesses gerais

Que tipo de coisas você gosta de fazer? Aqui é onde listo todas as coisas que gostaria de fazer com umx parceirx. Isto precisa ser feito com o entendimento de que você está só deixando a outra pessoa saber o que você está dispostx a fazer, mas essas coisas só vão acontecer se elx também estiver animadx em relação a elas. Gosto de pensar nessa parte como se fosse fazer um “diagrama de Venn” verbal – jogamos tudo o que gostamos na roda, e depois vemos qual é a intersecção dos nossos interesses.

Limites

Que tipo de coisas você não está interessadx em fazer? Esses limites são apenas para esse encontro em particular, ou é algo que você possa se abrir para fazer no futuro, com uma discussão mais aprofundada? Que partes do seu corpo posso tocar, e como você quer eu chame estas partes do corpo? Você quer que eu pergunte toda vez que eu queira tocar em você, ou você prefere simplesmente dar (ou não dar) seu consentimento de uma vez no início?

Acionadores

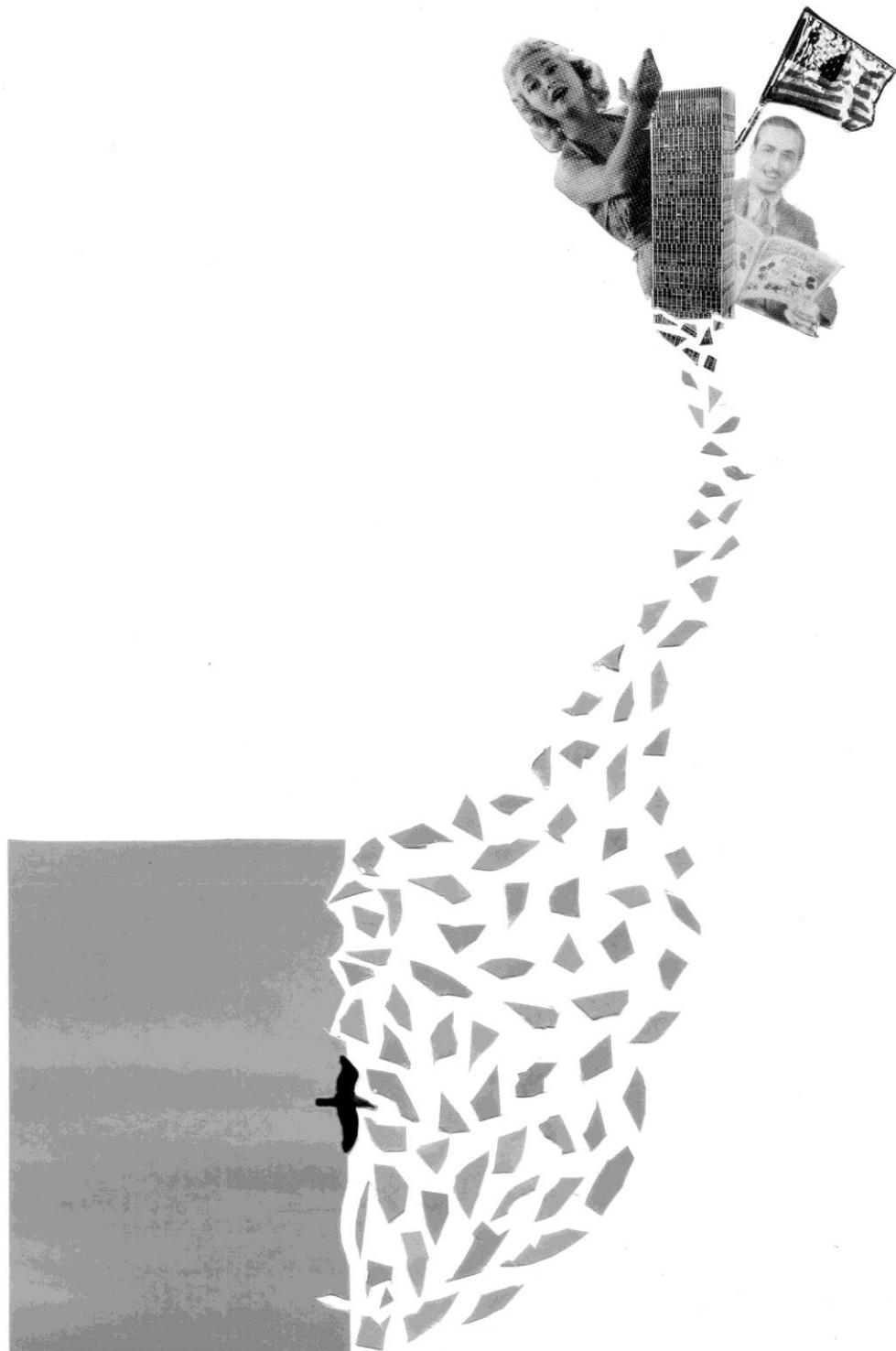
O que posso fazer para evitar te acionar? Quais são seus acionadores? Que sinais devo procurar e que indicam que você foi acionadx? O que você quer que eu faça se eu achar ou você me contar que foi acionadx?

Prática de consentimento

Como você quer que eu pratique consentimento com você? Como você quer praticar consentimento comigo? Como você quer que eu cheque como você está e com que frequência? Você tem tendência de dizer sim automaticamente sem dar a você mesmx a chance de pensar a respeito? Você tem dificuldade em dizer não? Como posso criar um ambiente onde você se sinta segurx e que suas decisões sejam respeitadas? Que tipo de coisas eu deveria procurar notar e que indiquem que você não está se divertindo?

DSTs

Qual é a sua situação em relação a DST? Quando foi a última vez que você fez o teste? Para que, especificamente, você foi testadx? Quais foram os resultados desses testes? Que tipo de contato sexual você teve desde o último teste? Qual era a situação em relação a DST da pessoa com quem você teve/tem contato sexual desde a última vez que você foi testadx (se souber)? Que métodos de prevenção de DST você tem/teve (se necessário) com essas pessoas? Como você quer praticar prevenção de DST e contracepção (se aplicável) comigo?



Os elogios constantes do meu pai a minha beleza se tornou outra forma de abuso em meio à violência, e a beleza eventualmente se tornou minha única fonte de validação. Isso durou por treze anos antes que a minha mãe e eu fôssemos capazes de escapar. Nessa época minhas ferramentas de sobrevivência já estavam profundamente enraizadas em meu ser. Meu desejo de nunca olhar para trás e de nunca perder minha liberdade era tão forte que eu era incapaz de prever as maneiras como eu traria essas ferramentas para todo relacionamento daquele momento em diante.

Em geral, meus relacionamentos – fosse como amigxs, amantes, colegas de trabalho, ou família – eram curtos e distantes. Mudei de lugar em lugar e de emprego em emprego, nunca permitindo que ninguém se aproximasse muito ou me permitindo sentir demais. Por ter crescido em uma situação em que os limites não eram permitidos, nunca me ocorreu que eu poderia estabelecer uma comunicação aberta e segura sobre minhas necessidades. Ao invés disso, ou eu não tinha limite físico algum ou um muro emocional intransponível a outras pessoas, e se tinha o muro ou nenhum limite dependia da minha percepção de quem estava no poder. Falasse da minha beleza, e o muro se movia, permitindo à pessoa acesso a meu espaço físico mesmo que não fosse o que eu queria. Com a beleza como minha única validação, o abuso do meu pai continuava através de mim.

Depois de passar dias a fio permitindo que as memórias viessem à tona, me permitindo sentir as emoções que eu nunca me deixava ter quando era mais nova, e me trazendo para um lugar de aceitação, comecei a formar uma paixão por analisar dinâmicas de poder e controle. Comecei a pesquisar e conversar com outras pessoas sobre violência doméstica, tentando desesperadamente encontrar uma maneira de dar sentido a tudo isso. Através de minhas pesquisas, me deparei com uma roda de poder que mostra os tipos diferentes de interações que formam uma situação abusiva. Refletindo sobre isso, e lendo relatos pessoais e exemplos de abuso, poder, e controle, fui forçada a olhar para outro relacionamento que também havia deixado para trás: meu casamento.

Meu casamento durou sete anos. Olhando para mim mesma, tive que admitir que havia sido abusiva com meu parceiro durante esse tempo. Ao longo desse casamento vivi com o medo intenso da intimidade que havia carregado comigo desde criança. Quando concordei em casar, não sentia mais que poderia dar desculpas para o porquê do meu relacionamento não estar funcionando e deixar isso para trás. Eu tinha que tentar arrancar isso de mim porque havia me comprometido. Também não estava em uma posição de enfrentar os medos que carregava comigo, então meus medos se tornaram meu controle. Eles me controlavam e eu controlava meu parceiro.

Eu concordava com esses limites enquanto pensava comigo mesma, “ela precisa de tempo, de espaço. Seja paciente até que ela se sinta segura”. Os limites começaram pequenos. “Sem demonstrações públicas de afeição, sem interrupções enquanto trabalho, sem carinhos enquanto eu durmo – certifique-se de ficar do seu lado da cama.” Em essência, me dê espaço, me dê espaço, me dê espaço. Com o tempo comecei a me sentir cada vez mais alienada. Chegou a um ponto em que eu raramente a via durante o dia, e se a visse era por um curto tempo e obviamente com grande esforço da parte dela. Eu esperava durante todo o dia por uma oportunidade de vê-la. E aí, quando ela estava pronta para dormir ela vinha me encontrar. Eu sentia verdadeira vulnerabilidade da parte dela quando ela perguntava se eu queria dormir na cama dela toda as noites, e com o tempo, mais desesperada por afeto e validação, eu nunca dizia não.

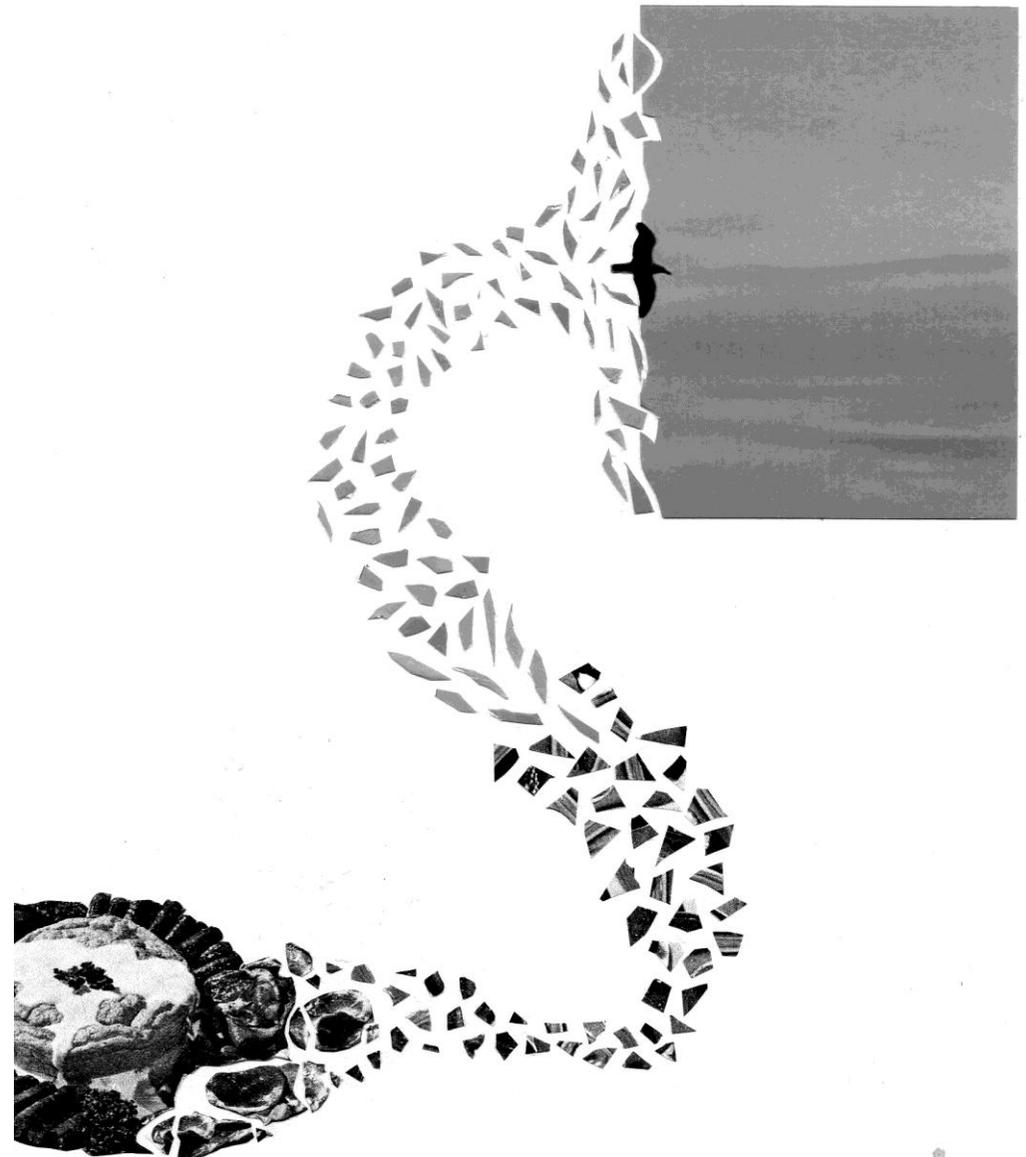
Nas tentativas que fazia de abrir discussão sobre os meus sentimentos, meus sentimentos eram minimizados. Sempre acabava me sentindo por nosso relacionamento não funcionar. Eu tentava trazer contradições entre as ações e palavras dela e tentava explicar minha confusão. Ela me falava que aquelas palavras nunca tinham sido ditas. Eu quase sempre acabava confusa, assustada, e emocionalmente esgotada. Em algumas ocasiões estava tão soterrada por meus sentimentos de não ser ouvida ou minhas emoções não serem reconhecidas, e perdi o controle e comecei a gritar. Nesse momento, ela dizia, “não posso continuar aqui com você se você estiver gritando”, e ela saía – com razão.

Parece que estou descrevendo um monstro, mas estou? Não mesmo. Nem perto.

Tem uma pergunta que fica voltando sem parar. Se fosse ela escrevendo da perspectiva dela, qual seria sua percepção? Eu pareceria um monstro? Talvez.

Ela saiu da cidade por alguns meses antes do nosso relacionamento como amantes acabar. Nessa época eu já estava sinceramente questionando minha sanidade, minhas intenções, e que tipo de bagagem eu estava trazendo para o relacionamento. A única coisa que estava ouvindo dela nessa época era que ela estava se sentindo confinada, presa, oprimida e culpada. Eu queria que esse relacionamento funcionasse. Me senti culpada, e decidi passar o tempo que ela estava fora voltando a lugares em mim mesma que anteriormente na minha vida eu havia decidido que eram muito dolorosos de reconhecer.

Cresci em um lar de violência doméstica. Foi aqui, enquanto criança, que aprendi a esconder meus sentimentos e me dissociar das minhas emoções até que eventualmente me tornei quase entorpecida a qualquer emoção. Aprendi a evitar o caos e a dor avaliando cada pessoa em uma sala antes de entrar. Pela postura e posição do meu pai, suas expressões faciais e seu silêncio ou jeito de falar, eu descobria se podia relaxar e subir em seu colo, ou se eu deveria sentar e permanecer imóvel. Aprendi se era mais seguro me recolher em silêncio pro meu quarto ou correr o mais rápido que eu pudesse. Foi aí também que aprendi que as mulheres são “estúpidas” e que o único valor de uma mulher era sua beleza.



De volta em segurança

Eu me encontro no que eu me refiro como um relacionamento hiper-consensual. Conversamos sobre consentimento e tentamos praticá-lo quando estamos na cama, quando não estamos na cama, por cartas, por telefone... ele tece toda a trama do nosso relacionamento. É o fórum para a nossa transformação, em que podemos ver como nossa relação está crescendo, mudando, se tornando mais e mais íntima. Conversamos sobre linguagem – que linguagem nos empodera, com que linguagem nos sentimos confortáveis. Me sinto confortável dizendo seios, ela não. Ela se sente confortável dizendo vagina, eu não. Tudo bem ter dois conjuntos de vocabulário, um para o meu corpo e outro para o dela. Conversamos sobre frases, sobre as conotações das coisas. Tentamos dizer “Você quer que eu” ao invés de “Posso”... *podemos* fazer muitas coisas, e elas podem não ser particularmente incômodas... mas as *queremos*? Lutamos, com um desequilíbrio de iniciativas – o condicionamento que recebemos que torna um desafio às vezes a não apenas encontrar e usar nossas vozes para expressar desejos, mas mesmo ter contato com esses desejos antes de tudo. Outra noite perguntei a ela pelo telefone se ela gosta da maneira que toco seu corpo quando nos beijamos, porque nem sempre tenho certeza. Ela disse que sim, mas que precisava que eu perguntasse mais vezes, que buscasse consentimento sobre toques específicos antes de fazê-los. Essas eram coisas que eu costumava perguntar, costumava nunca supor. Parte de mim estava tão feliz de ela ter me falado que essas coisas que eu estava fazendo precisavam ser trabalhadas. Mas parte de mim queria chorar e não tocá-la novamente, com medo de tê-la machucado e não conseguir voltar atrás. Parte de mim me odiava. É com isso que lutamos... negociar, aprender juntxs, aceitar que estamos em um processo e não somos perfeítxs... aceitar que estamos só tentando, tentando estar em um relacionamento de uma maneira que não foi modelada pra nós, culturalmente... um relacionamento em que estejamos caminhando para além de amor e boas intenções, caminhando para transformação, comunicação, vulnerabilidade, prática...

Tudo foi avançando lentamente e ela parava de me beijar e me olhava nos olhos e dizia, “Como estamos indo?” Ela parava para me perguntar mesmo eu sempre dizendo sim, e fez com que eu me sentisse respeitada. Fez com que eu me sentisse segura. Porque no fundo, eu sabia que se, por alguma razão, eu deixasse de me sentir confortável e se, por alguma razão, eu não conseguisse dizer, ela perguntaria de novo e haveria espaço para parar ou acalmar as coisas. Não me sinto presa, da maneira que sempre me sentia antes, “eu vim até aqui, agora não tem jeito de sair dessa”. Ela me dava uma opção a cada novo nível, e só porque já tínhamos feito algo antes não significava que ela não pediria permissão antes de fazer novamente.

Consentimento pode ser assustador pra caralho porque você está se abrindo à rejeição. Você está criando um espaço seguro, um espaço em que seu parceiro ou sua parceira pode dizer não. Mas o que é tão excitante, tão poderoso, e tão maravilhoso sobre consentimento é que os sim’s reamente se tornam sim’s. A primeira vez que você ouve um não valida todos os sim’s. A primeira vez que você ouve um não, não é realmente uma rejeição, uma falha de algum tipo. É uma reafirmação de que quando você ouve um sim é um sim, e a pessoa vai te dizer o contrário se não for. Os sim’s se tornam eróticos e os não’s são sinais

ciclos de abuso e sobrevivência

Vivemos em uma sociedade emocionalmente abusiva. Abuso emocional acontece situações cotidianas, parcerias íntimas, dinâmicas familiares, amizades, entre conhecidxs, locais de trabalho e colaborações em projetos. Viver em uma sociedade em que somos isoladxs e nos sentimos insignificantes, somos forçadxs a cultivar habilidades de enfrentamento para proteger nossa própria vulnerabilidade. Entretanto, as mesmas ferramentas que desenvolvemos para sobrevivência podem inadvertidamente serem usadas para abusar a nós mesmxs, assim como outras pessoas.

Por causa de uma parceria íntima dando errado, comecei a avaliar meus relacionamentos, passados e presentes. As dinâmicas dentro dessa parceria muitas vezes me deixava sentindo confusa e até mesmo louca. Me peguei questionando minha realidade, sentindo que eu não estava apta a entender as necessidades dela, e dando desculpas para mim mesma do porque de algumas – não, muitas – de nossas interações me faziam sentir mágoa e raiva. Aprendi que eu estava presa em um ciclo de abuso.

Entrei originalmente nessa relação com muita compaixão porque senti que estava me envolvendo com alguém que havia sido profundamente machucada e tinha medo de intimidade. Ao longo do tempo que passamos juntas aprendi muito poucos detalhes de onde esses medos tiveram origem porque confiança era uma questão difícil para ela também. Meu foco principal no nosso relacionamento era estar do lado dela a todo custo para que eventualmente ela pudesse sentir que podia confiar em mim. No entanto, quanto mais eu tentava estar do lado dela, disponível para suas necessidades, mais distância eu sentia.

Começou com limites vocalizados alta e agressivamente, ditos com força suficiente que pareciam leis ao invés de acordos colaborativos. Eu nunca era perguntada de como me sentia com esses limites ou quais era minhas necessidades. Eram apenas exigências necessárias para que ela se sentisse segura. Alguns limites pareciam razoáveis, especialmente com as poucas e curtas explicações que os acompanhavam; alguns pareciam isoladores e confusos.

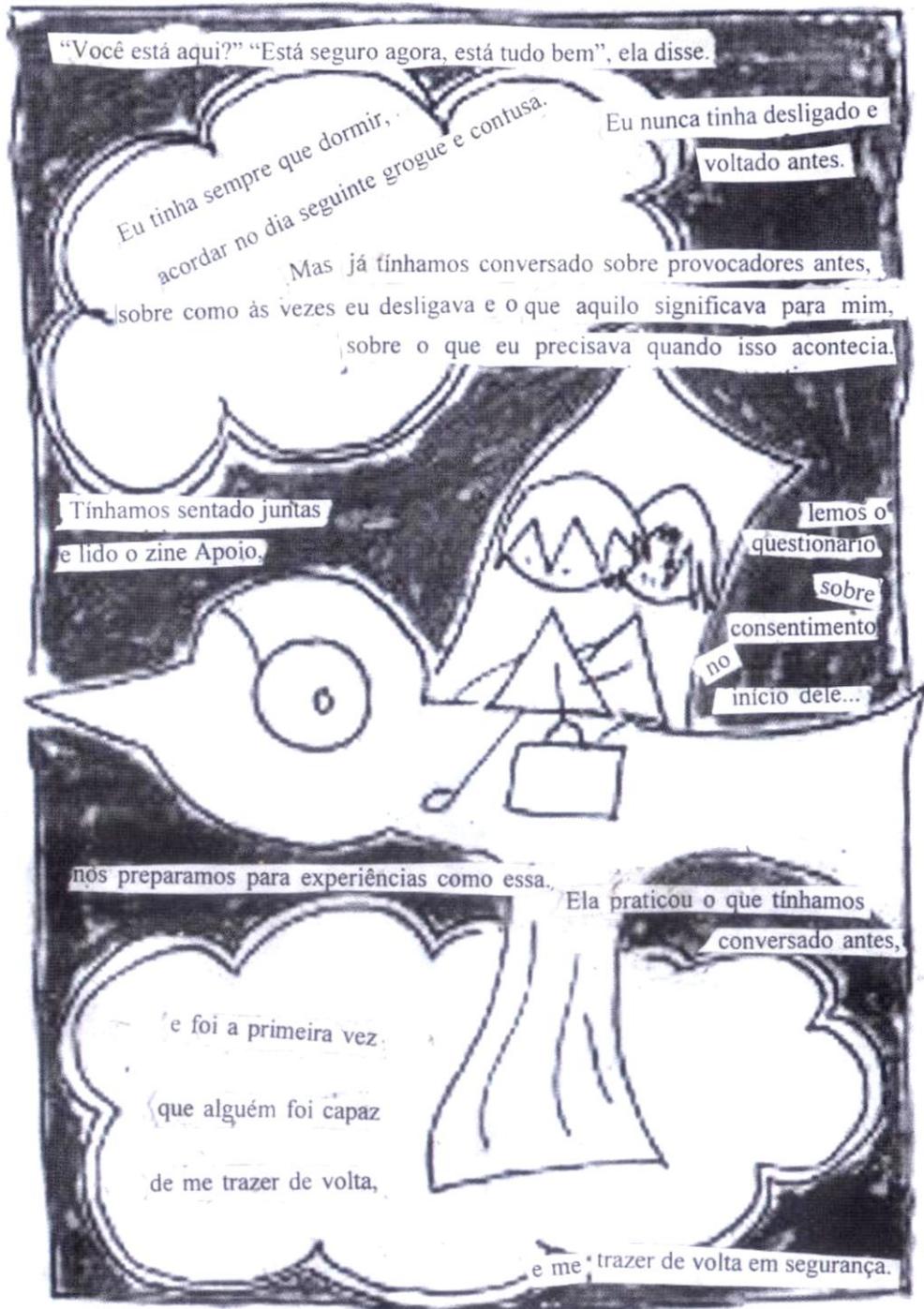


da segurança e confiança que foram construídas, de que consentimento funciona mesmo, de que o que você está fazendo vale todo o trabalho, está certo.

Suponho que todos com quem entro em contato são sobreviventes. Se em algum momento eles me dizem o contrário, então ótimo, mas prefiro estar consciente do meu comportamento do que machucar alguém e descobrir depois do ocorrido que tudo poderia ter sido evitado com algumas práticas simples de consentimento. Aprendi a perguntar para as pessoas se posso abraçá-las. Pergunto a crianças se posso pegá-las no colo. Pergunto a uma amiga que está chorando se ela quer ser abraçada, se ela se sente bem se eu segurar sua mão. Tenho um amigo que é massagista. “A primeira regra da massagem é sempre obter consentimento antes”, ele disse. “Mas percebi”, ele continuou, “que não é só com massagem... que tenho que aplicar os princípios do consentimento em cada interação que tenho na minha vida...” penso sobre o que ele disse quando sento do lado de pessoas estranhas no ônibus, quando ajudo pessoas no trabalho, quando converso com amigos. Consentimento não é inerentemente sexual. Tem a ver com comunicação, com trabalhar na criação de espaços seguros. Quero que as experiências íntimas e privadas sejam seguras, mas quero me sentir segura em público também. Pensar sobre consentimento em todas as minhas interações me faz sentir de alguma forma dando um primeiro passo, fazendo minha parte para que isso aconteça... Quando praticamos consentimento criamos nossos próprios espaços seguros, e depois vemos onde esses espaços se sobrepõem com outros.

Essa foi minha introdução a uma compreensão experimental da prática do consentimento, de como realmente o sentimos e do porquê de ser algo tão importante: me lembro de estar sentada na beira da cama, ficando com ela, de um jeito tão carinhoso, com beijos macios, e me lembro de pensar comigo mesma “essa é a melhor parte”... e depois me lembro de pular da cama, andar de um lado para o outro, meu coração batendo forte, morrendo de medo, com um buraco no meu estômago que parecia que ia me engolir viva. Me senti como uma criancinha. Comecei a murmurar merdas para mim mesma e só foi piorando cada vez mais. Tentei forçar, voltar e continuar. Eu não conseguia ficar no meu corpo, não conseguia impedir de ser arrastada para o turbilhão que me deixava enrolada embaixo das cobertas chorando. Não conseguia abrir minha boca e não conseguia olhar para ela. Eu queria dizê-la que não era ela, que ela não fez nada, que não era sua culpa, que eu a amava – mas não conseguia dizer nada. Ela ficou ali sentada por um momento e depois eu a ouvi dizer, “Você quer que eu fique aqui com você ou você precisa de espaço?” Não consegui responder, então ela transformou em uma pergunta de sim ou não e perguntou de novo, “Você quer que eu fique aqui com você?” Fiz que sim com a cabeça embaixo das camadas protetoras de cobertura. “Posso te tocar?” ela perguntou e fiz que sim com a cabeça de novo e senti sua mão no meu ombro. “Você está bem”, ela começou a dizer calmamente, “está tudo bem, você está segura... você está segura... você está segura...”

Ela perguntou se podia me abraçar e fiz que sim, então ela se enrolou comigo e me abraçou suavemente e comecei a tremer e chorar. Ela parou de me fazer perguntas e só me deixou chorar e me abraçou. Quando parei de chorar tirei os cobertores da minha cabeça, me virei e olhei para ela. Eu não olhava em seus olhos, mas ela segurou minha cabeça de leve até que olhei e ela me perguntou onde eu estava.



Da responsabilização masculina

Podemos compreender a estrutura do pensar de nossa civilização como uma estrutura binária, ou seja, uma forma de compreender o mundo por meio de polos opostos como estado civil/estado de natureza, bom/ruim, real/imaginário, belo/feio, homem/mulher. Porém, essa forma de compreensão não se restringe à separação desses termos, mas atua em uma hierarquização violenta entre os mesmos, podemos entender isso como um esforço permanente de manutenção dos privilégios dos primeiros termos e da subalternidade dos segundos. Precisamos partir do entendimento dessa hierarquia violenta para podermos desconstruí-la, não nos mesmos termos, de abuso e imposição, nem mesmo de forma pacífica, mas sim como resistência - em relação ao esforço permanente da civilização - e criação - de novos ambientes horizontais e seguros para todos os gêneros transeuntes possíveis. Penso que para tentarmos desconstruir essa hierarquia necessitamos passar por um processo de inversão desta. Não no sentido de constituição de privilégios para o gênero feminino, como que para igualar os gêneros - no sentido de que as características (escrotas) masculinas poderem também ser femininas. Nem no sentido de uma "ditadura do proletariado" em versão só pra mulheres. Contudo, creio que essa inversão parte da noção de que o abuso contra as mulheres se construí permanentemente, desde o ceder lugar, o abrir a porta, à exigência sexual e à extrema violência do estupro. Logo, essa inversão se constitui como responsabilização masculina por essa construção abusiva, sendo que a responsabilização demanda ser parte da solução. E essa solução só será encontrada no enfrentamento constante e diário contra o abuso e o privilégio de determinado gênero sobre outro.

O desejo e o mercado

As parcerias amorosas/sexuais são enquadradas nas regras de um mercado afetivo assim como são os outros produtos no mercado real. Essa talvez seja a única sensação de segurança e "satisfação" que temos na modernidade. Podemos nos conectar e desconectar sem causar muitos danos ou gastar muita energia. Nos sentimos seguros por não termos prejuízos maiores ao atar ou desatar esses laços superficiais, mas definimos em nossas individualidades isoladas por não termos nada sólido para nos amparar.

O desejo é o primeiro impulso rumo à parceria sexual. Sua satisfação é a principal busca nas redes de relacionamentos virtuais e nos "shoppings centers" do acasalamento (boates, festas, bares, etc). Esse desejo é despido das responsabilidades e compromissos antes inseparáveis. Nos antigos romances foi comum relatos sobre a família que descobre que a filha não é mais virgem e a obriga a casar-se com o malfeitor que roubou sua pureza. Mas o sexo hoje está despojado de toda essa papelada social e liberado para surgir e desaparecer rápido como um clicar de mouse. Esse desligamento talvez seja uma resposta descolada para uma pesada responsabilidade e para o controle que foi colocado em cima das nossas relações pela tradição e pela instituição do matrimônio. O descompromisso e a promiscuidade às vezes são uma resposta ao ascetismo da moral (ou do moralismo) e vistos, equivocadamente, como libertação. As boates e casas de swing, por exemplo, não são mais livres: são mais liberais. E a maioria das pessoas que buscam estar ali se satisfaz com isso. O descompromisso e a promiscuidade não rompem com a regra, apenas viram o outro lado da mesma moeda. Estando, assim, atrelados ao mesmo eixo.

O motivo de tudo isso, pode ser a domesticação (ordenação artificial) do impulso e da curiosidade sexuais para a parceria una e especializada do namoro, reflexo em menor escala do compromisso matrimonial. Nossa sexualidade é canalizada para um dia ser funcional ao casamento, procriação, constituição e manutenção da família. Por isso a utilidade de tabus como o incesto, a homossexualidade, as relações não-monogâmicas, etc. Sem todas essas barreiras direcionando o caminho a ser traçado pelos nosso impulsos, talvez nossas experiências sexuais estivessem pulverizadas sobre várias de nossas relações afetivas e mais difícil seria organizar e ordenar sua conduta.

Na moderna vida urbana, o desejo se tornou livre de compromissos e de responsabilidades antes tão rigidamente mantidos. Mas talvez o que veio antes – a ordenação, a legislação, o controle social – foi apenas uma deixa para que ele se tornasse um produto para ser vendido quando a tradição não fosse mais capaz de mantê-la. Nada vende mais, seja qual for o mercado, do que aquilo que estava sob difícil acesso e de repente aparece aos montes nas prateleiras e com um crédito fácil. E talvez para quebrar o ciclo que estamos iniciando hoje, tenhamos que romper com os ciclos domesticadores que o antecederam.

somos todxs sobreviventes
somos todxs perpetradorxs

O verão passado foi cheio de aventuras: cozinhando em cozinhas externas, contruindo tripés, planejando ações, dormindo em casas de árvore no meio de Nova Iorque. Viajei até a costa leste, passando por uma nova cidade a cada semana. Nesse processo, me apaixonei pelo companheiro de minha companheira de viagem. Como uma organizadora local que já havia participado de diversos projetos coletivos que envolviam reuniões e atas, achei que já sabia tudo que havia para saber sobre processo; mas agora, profundamente imersa no começo do meu primeiro triângulo poliamoroso, descobri que tudo poderia se estender para um nível completamente novo. Eram longas conversas para resolver questões simples como quem dormiria com quem cada noite, e esforços contínuos de manter as três pessoas conscientes de todos os nossos sentimentos sobre cada questão. Era muitas vezes um processo árduo, mas por consequência desenvolvi um relacionamento bastante aberto e expressivo com meu novo companheiro, e isso me fez sentir bem e saudável.

No início de uma época tumultuosa para o meu novo triângulo, nós três e as outras pessoas com quem estávamos viajando fomos de bicicleta para uma festa na cidade que estávamos temporariamente chamando de casa. No fim da noite, já não conseguia me equilibrar o suficiente na bicicleta.

Eu estava bêbada. Muito bêbada. Ao longo da noite, como muitas outras pessoas na festa, flertei e beijei muitas pessoas. Meu novo companheiro me observava, um pouco receoso com meu comportamento.

A princípio, eu havia hesitado e tomado cuidado com as formas que nosso novo relacionamento afetaria minha relação com minha companheira de viagem; mas naquele dia mais cedo, eu havia decidido que se tentaríamos esse relacionamento, eu deveria me abrir e estar realmente vulnerável com meu novo companheiro romântico. Decidi que estava pronta para dormir com ele e estava esperando ansiosamente o momento apropriado para compartilhar essa decisão com ele. Durante a festa me aproximava de meu companheiro e pedia a ele para dormir comigo quando voltássemos para a casa naquela noite. Estava animada para contar a ele que eu estava pronta para fazer algo que ele estava querendo. Acho que ele ficou apenas me falando que eu estava sendo uma bêbada, e como uma bêbada, eu insistia que eu estava sóbria o suficiente para saber o que queria e que eu queria transar com ele. Eu estava sendo persistente. Senti que ele não estava sendo claro comigo, mas acho que eu só estava muito bêbada para entender um não.

No dia seguinte, não estava pensando naquela interação; nem me lembrava

muito bem disso. Eu tinha chegado em casa e capotado sozinha na cama vazia de umx amigx, e nós todxs passamos a manhã nos preparando para um longo dia. Mas naquela tarde, sua outra companheira, minha companheira de viagem, me acusou de agredi-lo sexualmente na noite anterior. Ela me disse que eu não parava de pedir para ele dormir comigo mesmo ele dizendo que não, que eu ficava dando em cima dele, e que eu o fiz se sentir desconfortável. Talvez sua visão da situação estivesse afetada por ciúmes e inseguranças que viriam a se manifestar entre nós, mas como eu não conseguia nem me lembrar da noite anterior, não estava em condições de discutir isso¹. Passei o dia aterrorizada comigo mesma, me perguntando, “Eu poderia ser uma agressora sexual? Sou uma sobrevivente de agressão sexual. Como eu poderia agredir alguém?” e, mais importante, agonizando: “Eu realmente me importo com essa pessoa. Eu nunca ia querer faze-lo se sentir ameaçado”.

Enfim, depois de um dia bastante assustador dentro da minha cabeça, consegui conversar com ele. Ele me contou o que aconteceu na noite anterior e disse que não considerou aquilo uma agressão sexual. Disse que tinha se aborrecido comigo, mas não tinha passado disso, e estava tudo bem entre nós. Mas não estava tudo bem. Mesmo que o que aconteceu não tenha

sido agressão sexual, eu claramente havia feito escolhas ruins e não levei seus sentimentos em consideração, equívocos que considero indesculpáveis. Talvez eu não tenha feito ele se sentir inseguro, mas eu tenho 1,6m e ele 1,8m e é muito mais forte do que eu. E se ele estivesse bêbado, dando em cima de mim insistentemente a noite toda, independente do meu desencorajamento? Eu teria me sentido insegura? Meu comportamento desrespeitoso deveria ser mais tolerado porque sou pequena e indiscutivelmente menos intimidadora?

Definir agressão sexual é difícil. Como em todos os aspectos dos relacionamentos, existem poucos princípios absolutos. Todo relacionamento pode ser definido e mediado apenas pelas pessoas que o compõem; o que é confortável e seguro para pessoas em um relacionamento pode não funcionar para pessoas em outro. Portanto, cabe apenas à pessoa sobrevivente nomear uma experiência como sendo agressão sexual ou não. Entretanto, algumas ações são inaceitáveis, independente de serem rotuladas como agressão sexual. À medida que lutamos para desenvolver relacionamentos livres de hierarquia e poder, devemos também desenvolver uma linguagem para discutir todos os espaços – o mais complicado e obscuro que possam ser – em que agimos sem respeitar outras pessoas.

agressão sexual - uma interação sexual em que uma pessoa conscientemente ultrapassa os limites de outra pessoa: por exemplo, fazer algo que alguém disse não, ou tentar fazer algo com que alguém disse se sentir desconfortável.

¹ Em retrospecto, o aspecto mais problemático dessa interação foi que ela definiu a experiência do meu companheiro por ele. Independente das motivações da pessoa, nunca é apropriado acusar alguém de agressão sexual sem o consentimento explícito da outra pessoa envolvida.

Namoro ou amizade

O namoro é o treinamento para o casamento. Normalmente, identificamos o interesse de namorar alguém quando sentimos algo "mais que a amizade". O que indica que depois de estabelecer certo nível de intimidade, confiança, atenção, afeto, a chama do desejo sexual pode ser acesa para consumir seus corpos e coroar sua união. Isso pode tornar a relação do casal de namorados a especial para ambos, pois é nela que o contato sexual terá permissão para existir. Talvez não seja a relação mais importante, mas a que dedicaremos maior atenção. As chamadas telefônicas serão as de maior duração, as discussões sobre a relação serão as mais longas e frequentes, as manifestações de ciúmes serão as mais numerosas e intensas. Os dias livres, as economias guardadas para comprar presentes e qualquer outro privilégio a ser dividido terão endereço certo com o início de um namoro. Isso se deve a dois principais motivos intimamente conectados: a repressão que nossa sexualidade sofre para direcionar nossos impulsos sexuais ao companheiro amoroso, mantendo-os rigorosamente distantes das outras relações e, conseqüentemente, a supervalorização das relações amorosa/sexuais.

Se o namoro é uma réplica em miniatura do casamento, ele deverá carregar réplicas proporcionais das responsabilidades, deveres, direitos e conflitos deste. A amizade, por exemplo, não possui versões de bolso. Ela não segue estágios bem definidos e seu desenrolar é um estreitamento ou afrouxamento dos laços de companheirismo, confiança, afeto. E talvez acompanhe também o desenvolvimento da maturidade das pessoas envolvidas. A amizade não passa por uma metamorfose como a lagarta que surge como namoro, se encasula com uma aliança na mão direita e sai transformada como uma aliança na mão esquerda e uma conta conjunta no banco. Se ela começou amizade, seu fim será o fim de uma amizade. A amizade não demanda versões mini de comemorações a cada aniversário do início da relação ou mini exigências de fidelidade (essa que se tornará também uma exigência legal no casamento). O início de uma amizade geralmente está perdido no tempo e nas lembranças. Ninguém precisa perguntar: e aí, somos amigos, não somos?

A importância que os relacionamentos amoroso/sexuais carregam, portanto, é ao mesmo tempo fruto e motivo para que nossa curiosidade e nossos impulsos sexuais sejam represados e direcionados para relações específicas (ou especializadas). Haverá apenas uma pessoa encarregada do papel de responder a essa demanda. E seu papel será dos mais importantes. Quando seus amigos perguntam por que está tão sumida, alguém responderá: "ela está namorando" e todos compreenderão o motivo. Estranho seria dizer que ela arrumou uma nova amiga, pois, a não ser que esteja escondendo algo, por que essa nova amizade ofuscou as outras a ponto de privilegiar sua presença a dos demais?

Amor, sexo, castração e domesticação

por Catarina Disangelista

O matrimônio pode ser um sacramento cada vez mais desacreditado para grande parcela da sociedade moderna – como todos os outros sacramentos cristãos –, e seu valor como compromisso firmado perante Deus talvez não seja mais seu principal atributo. No entanto, a união conjugal ainda é o mais relevante laço entre duas pessoas. A mais aguardada, desejada e celebrada de todas as uniões. Romantizada pelos jovens, prezada pelos velhos, estimada por todos como valor social e prestígio. Chegar ao fim da vida sem se casar ou constituir família ainda é um destino que muitas pessoas temem. Sinônimo de solidão e abandono. Sem falar na ideia de fracasso humano e econômico que carrega.

Impossível negar também que o casamento ainda exerce uma importante função na manutenção e na hereditariedade da propriedade e dos valores patriarcais. É ele a pedra inicial da constituição da família burguesa e sua tradição. E mesmo sem cerimônia em igreja ou papéis no cartório é possível fundar a principal célula econômica capitalista. Longe das formalidades, juntar os trapos, montar um barraco e criar os filhos é um procedimento que tece e fortifica a estrutura social. Práticas como a monogamia, a heteronormatividade, a rígida noção hierárquica e autoritária entre gêneros e idades, seus papéis e suas funções são cristalizadas enquanto a prole convive com tudo isso dentro de um lar. Não deveria espantar que a origem da palavra família seja o termo *familulus*, que em latim significa "escravo doméstico". Sem a família, nossa sociedade como a conhecemos desabaria sobre os próprios pés. O peso sacramental dessa instituição social recai sobre nossos laços afetivos e influencia nossas relações de parentesco, de amizade e amorosas/sexuais*.

*Vou usar esse termo na falta de algo melhor para falar das pessoas que amamos (assim como aos nossos amigos), mas com as quais exploramos algum tipo de contato e atração física. Me incomoda a diferenciação entre os sentimentos que trazemos por cada pessoa. Cada um tem sua peculiaridade e sabemos o que cada um é para nós sem precisarmos de palavras. Mas estamos acostumados a generalizar objetivamente relações que deviam ser fluidas e subjetivas. Essa será a minha, na tentativa previamente fracassada de tornar objetiva uma visão tão íntima e minha.

A maioria de nós cresceu completamente imersa nessa cultura de fins lucrativos, em que a maioria dos relacionamentos – seja econômico, político ou pessoal – segue um modelo de dominação e submissão em que uma parte lidera e a outra segue. Inundados com representações midiáticas desses relacionamentos, imitamos inconscientemente essas dinâmicas em nossas vidas pessoais, desenvolvendo “habilidades” para adquirir poder e nos proteger em nossos relacionamentos. Como radicais, entendemos que as conexões que temos umas com as outras são fundamentais para o potencial revolucionário de nossas ações. Consequentemente, trabalhamos para construir comunidades autoconfiantes e desenvolver relacionamentos emocionalmente sustentáveis, nutrendo nossa habilidade de agir e comunicar honestamente e desaprendendo nossos comportamentos destrutivos. Isso é difícil, e muitas vezes retrocedemos a antigos hábitos e cometemos erros. Como indivíduos e como comunidades, devemos criar ambientes de apoio e tolerância em que possamos compreender nossos próprios defeitos e erros e os das outras pessoas no espírito de um desejo autêntico de contínua reconstrução de nós mesmos. Precisamos equipar a nós mesmos e a nossas comunidades com as ferramentas para lidar com conflitos pessoais e situações complicadas que inevitavelmente surgem como uma parte integrante do processo de desenvolvimento de relacionamentos radicais.

Para isso, precisamos de uma linguagem mais extensa e sofisticada para abordar violações de limites pessoais e desenvolver formas de desencorajá-las. A discussão sobre como lidar com agressões sexuais dentro de comunidades radicais está constantemente evoluindo, e felizmente, ao menos em alguns círculos, está finalmente começando a ser conversada abertamente. Muito pode ser tirado dessa discussão e aplicado às maneiras que outros tipos de conflitos são abordados; mas ao mesmo tempo, muita coisa ainda precisa ser retrabalhada. Faríamos bem em reconsiderarmos certas questões: o que os termos significam, a que propósitos servem efetivamente, quais suas falhas.

coerção – o uso de força ou manipulação para pressionar pessoas a fazer, aceitar ou concordar com coisas contra sua vontade. coerção pode incluir comportamento passivo-agressivo, tentativas de indução de culpa, questionamento persistente e ameaças, mas não se limita a essas formas.

Em nossos relacionamentos, com frequência estabelecemos limites e às vezes até mesmo pedimos consentimento. Na maioria dos relacionamentos, esses limites não são falados, são presumidos: *Não vou sentar no colo do companheiro de um amigo. Só vou abraçar esse amigo ao cumprimentar e despedir.* Em relacionamentos românticos, tendemos a definir esses limites mais explicitamente com nossos parceiros: *Não vou fazer sexo sem camisinha. Não quero ser beijado na frente do meu pai e da minha mãe.* Em relacionamentos de todo tipo, do platônico ao sexual, podemos ultrapassar os limites das

peças e magoá-las ou deixá-las desconfortáveis. Isso acontece com frequência, especialmente em relacionamentos em que os limites estão apenas implícitos.

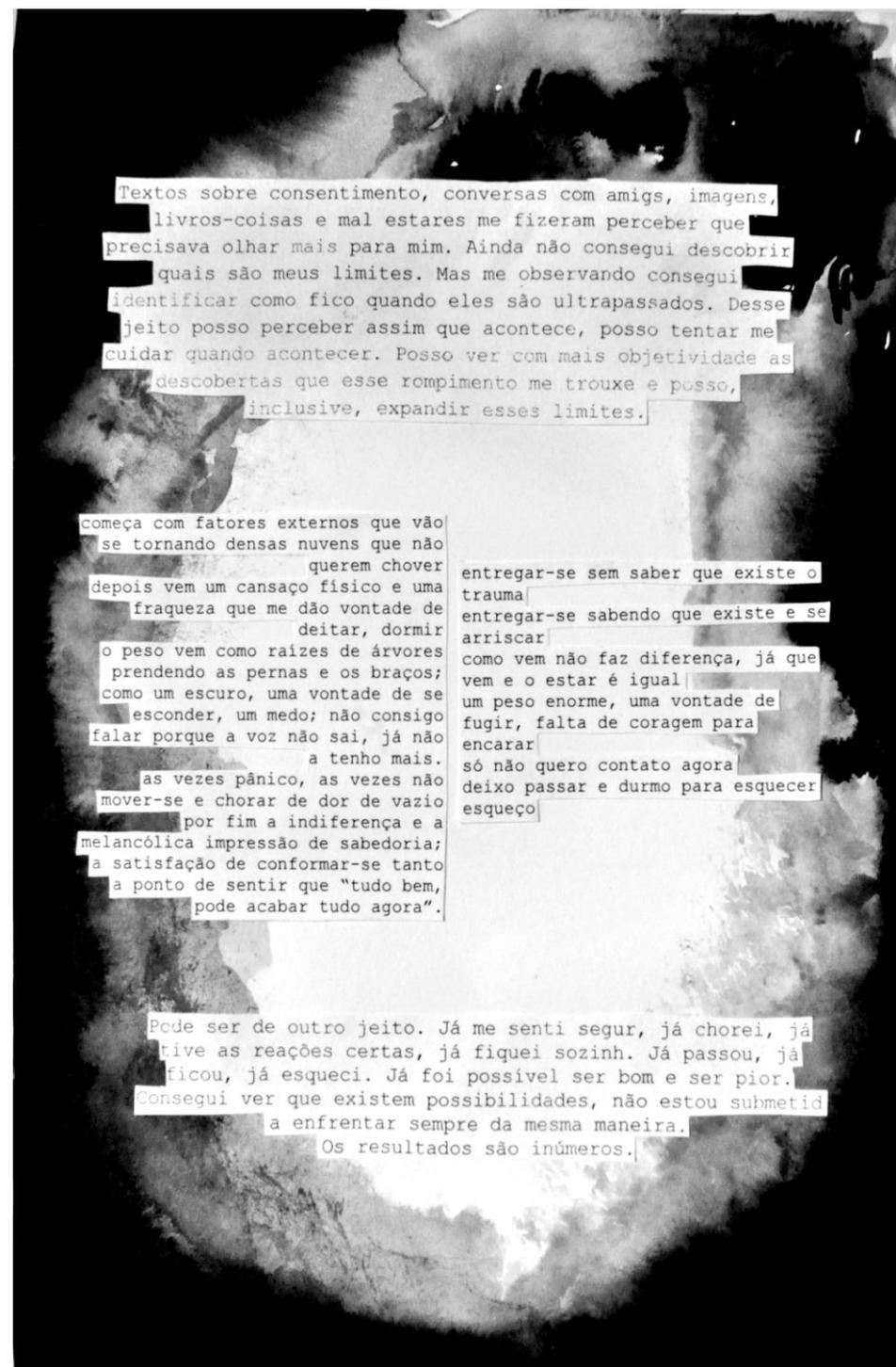
Agressões sexuais são manifestações intensas dessa violação de limites. Quando uma agressão sexual ocorre, a pessoa que ultrapassa os limites é chamada de perpetradora e a que teve seus limites ultrapassados é chamada de sobrevivente, um termo mais empoderador do que vítima. É uma terminologia forte, e pode ser muito útil para auxiliar a pessoa sobrevivente a nomear e processar uma experiência. O simples fato de ter uma linguagem com a qual quebrar o silêncio imposto por uma experiência tão difícil pode ser algo poderoso. Essa linguagem também é útil para lidar com as pessoas que não querem ser responsabilizadas por seus atos, que recusam conversar e lidar com essas questões. Ser chamadx de perpetradorx de uma agressão sexual carrega um peso enorme; nomear uma agressão sexual significa que a questão será levada com seriedade e, com sorte, abordada por todas as pessoas que ficarem sabendo. Dessa forma, a definição dx perpetradorx pode entrar onde o diálogo espontâneo falha.

limite - a linha que descreve o que alguém quer ou com que está confortável. pode ser pré-determinado ou desenvolvido, e está sujeito a mudança sem uma razão clara ou lógica.

No entanto, para além dessas situações específicas, a linguagem perpetradorx/sobrevivente tem muitas limitações. Existe um amplo espectro de interações não-saudáveis e não-consensuais, mas o termo agressão sexual descreve apenas uma estreita faixa desse espectro¹. Imaginem se pudéssemos encaixar nossas interações em uma linha que parte da mais para a menos consensual. As que são completamente consensuais, em que nenhum limite é ultrapassado, ocupariam um pequeno espaço de um lado, enquanto aquelas interações chamadas de agressão sexual ocupariam um pequeno espaço do outro; em algum lugar no meio, entre esses extremos, ainda teria uma grande extensão de interações em que limites são ultrapassados em graus variados. Tal como está, a linguagem usada especificamente para descrever agressão sexual não é suficiente para descrever aquelas interações que ficam em algum lugar no meio.

A linguagem de perpetradorx e sobrevivente pode também incitar uma falsa ideia de que a agressão sexual é a única forma de violação de limites que vale a pena abordar. Descrever agressão sexual e xs sobreviventes e perpetradorxs que experienciam agressão sexual como distintos de outras experiências, supostamente "normais", de sexualidade apresenta erroneamente qualquer experiência não

¹ ...apesar de ser importante apontar que essas são interações que muitos de nós infelizmente experienciamos, e que com frequência têm um impacto em nossas vidas desproporcional com a frequência com que as experienciamos.



Textos sobre consentimento, conversas com amigos, imagens, livros-coisas e mal estares me fizeram perceber que precisava olhar mais para mim. Ainda não consegui descobrir quais são meus limites. Mas me observando consegui identificar como fico quando eles são ultrapassados. Desse jeito posso perceber assim que acontece, posso tentar me cuidar quando acontecer. Posso ver com mais objetividade as descobertas que esse rompimento me trouxe e posso, inclusive, expandir esses limites.

começa com fatores externos que vão se tornando densas nuvens que não querem chover depois vem um cansaço físico e uma fraqueza que me dão vontade de deitar, dormir o peso vem como raízes de árvores prendendo as pernas e os braços; como um escuro, uma vontade de se esconder, um medo; não consigo falar porque a voz não sai, já não tenho mais. às vezes pânico, às vezes não mover-se e chorar de dor de vazio por fim a indiferença e a melancólica impressão de sabedoria; a satisfação de conformar-se tanto a ponto de sentir que "tudo bem, pode acabar tudo agora".

entregar-se sem saber que existe o trauma entregar-se sabendo que existe e se arriscar como vem não faz diferença, já que vem e o estar é igual um peso enorme, uma vontade de fugir, falta de coragem para encarar só não quero contato agora deixo passar e durmo para esquecer esqueço

Pode ser de outro jeito. Já me senti segur, já chorei, já tive as reações certas, já fiquei sozinho. Já passou, já ficou, já esqueci. Já foi possível ser bom e ser pior. Consegui ver que existem possibilidades, não estou submetid a enfrentar sempre da mesma maneira. Os resultados são inúmeros.

Antes das minhas viagens de verão, apesar de ter passado muito tempo pensando e me esforçando em fazer meus relacionamentos refletirem meus ideais anarquistas, tinha acabado de aprender os usos do tão falado 'consentimento'. Enquanto me familiarizava com esse novo termo, conheci umx amigx fabulosx. Quando nos encontramos pela primeira vez, passamos apenas alguns intensos dias juntxs, mas o tempo que compartilhei com essx novx amigx tornou aquela palavra, consentimento, mais significativa para mim do que qualquer oficina ou artigo jamais o faria. Elx considera consentimento uma parte fundamental de todos os seus relacionamentos, e com elx eu vi como consentimento pode ser expresso diariamente com amigxs e amantes.

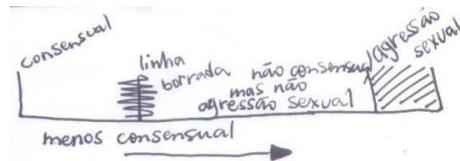
A princípio, era estranho que elx checasse comigo tão frequentemente sobre todas as pequenas formas de contato físico entre nós. Em todas as nossas conversas casuais e íntimas, elx pedia minha permissão para acariciar meus ombros, segurar minha mão, ou colocar a cabeça no meu colo. Outras vezes, elx me tocava de leve, e perguntava, "Tudo bem?" antes de continuar. Comecei a pensar que elx tinha dificuldade em estar fisicamente próximo e acabava sendo especialmente consciente sobre o espaço das outras pessoas, mas elx sempre parecia confortável com a proximidade que eu iniciava – mesmo quando eu esquecia de pedir permissão explícita antes de tocá-lx. Elx também não parecia ofendidx ou surpresx com o fato de não ser fácil para mim retribuir o

consentimento verbal que me era direcionado. Tentei se consciente de como estávamos interagindo e vocalizar meus desejos antes de me aproximar ou tocá-lx, e verbalizar sempre era difícil para mim. Como eu só tinha ouvido a palavra consentimento usada com referência a relacionamentos sexuais, comecei a reconsiderar suas intenções. Me perguntava, "Será que elx tem uma queda por mim? Será que elx quer algo mais íntimo que amizade?"

No entanto, à medida que fui me acostumando com o jeito dessx amigx de estabelecer consentimento, percebi que era parte de sua personalidade e do jeito que tentava interagir com as pessoas em geral. Assim que percebi isso, meus sentimentos em relação a suas perguntas mudaram. Parei de tentar analisar suas perguntas para saber se elas indicavam interesses não-ditos, e comecei a admirar que elx perguntasse como eu me sentia. Me senti muito respeitada. Senti que elx se importava tanto comigo que queria saber como eu me sentia sobre tudo, e me senti confortável com elx muito rapidamente.

Extraído, traduzido e adaptado da revista Rolling Thunder (issue one summer 2009).

rotulada como agressão sexual como livre de coerções. Pelo contrário, em nossa sociedade autoritária, a dominação infecta tudo, resultando na contaminação de nossos relacionamentos mais íntimos e carinhosos com sutis – ou às vezes nem tanto – dinâmicas desiguais de poder. Uma divisão entre "agressão sexual" e "todo o resto" deixa de fora todas as pessoas que não foram consideradas agressoras sexuais; e assim tira a atenção das maneiras pelas quais todxs nós podemos nos posicionar para melhorar nossos relacionamentos e nossa sensibilidade com outras pessoas.



Uma das consequências mais problemáticas da nossa falta de linguagem apropriada é que as pessoas se mostram muitas vezes relutantes a abordar, de qualquer forma que seja, experiências mais sutis e complicadas de violações de limites. A linguagem perpetradorx/sobrevivente é tão séria que em casos menos dramáticos – por exemplo, em situações que não são violentas ou fisicamente agressivas – a pessoa sobrevivente pode até se perguntar se o que ele ou ela está sentindo constitui de maneira legítima um problema sério que valha ser abordado e explorado. Se uma pessoa escolhe não usar a linguagem de agressão sexual para descrever uma violação de seus limites, isso significa que não é importante? Muitas pessoas hesitam compreensivelmente em acusar

as pessoas que amam de agressoras sexuais ou chamá-las de perpetradoras pelo estigma ligado a esses termos e pelo drama que sucede quando são utilizados. Isso não deveria significar que as interações não-consensuais sejam ignoradas.

Também parece ser o caso que, por mais que a linguagem perpetradorx/sobrevivente seja útil quando o diálogo é impossível, pode também interromper o diálogo quando ele poderia ser possível de outra forma. Essa linguagem cria categorizações de pessoas ao invés de descrições de seus comportamentos, reduzindo um indivíduo a uma ação. E como tal, tende a deixar as pessoas na defensiva, o que com frequência torna mais difícil para elas receberem as críticas¹. As implicações definitivas e o tom acusatório dessa linguagem podem precipitar uma situação em que, ao invés de focar na reconciliação de diferentes experiências da realidade, as pessoas em lados opostos acabam lutando para provar que sua interpretação da realidade é a "verdadeira". Uma vez que essa dinâmica entra em prática, a discussão não é mais sobre pessoas superando seus problemas e tentando entender e respeitar as experiências únicas umas

¹ É importante para ambxs perpetradorx e sobrevivente lidarem com suas ações e experiências em ambientes de apoio. Se a pessoa sobrevivente não é capaz ou não quer trabalhar com a pessoa perpetradora, alguma manifestação de comunidade ainda deveria fazê-lo. Agressões sexuais e outras formas de dinâmicas não-saudáveis de relacionamento são questões da comunidade, e devem ser lidadas de acordo. Com sorte, todos os indivíduos envolvidos podem receber apoio de fontes variadas.

das outras, mas uma investigação sobre a realidade “objetiva”, em que todas as partes estão em julgamento. Ninguém deveria ser forçado a defender o que sente, menos ainda alguém que sobreviveu a uma violação de seus limites. Independente de “o que realmente aconteceu”, a experiência de uma pessoa é somente sua e merece ser validada como tal. Para decidir qual realidade é “a verdade”, temos que valorizar uma pessoa e não outra: isso é validação no modelo de escassez. Quando conflitos surgem envolvendo uma questão de agressão sexual, as comunidades são frequentemente forçadas a tomar lados, tornando o assunto uma disputa de popularidade; da mesma forma, os indivíduos podem se sentir obrigados a apoiar uma pessoa em detrimento da outra.

consentimento - consentimento é convencionalmente entendido como permissão, mas essa concepção pode ser enganosa. aqui, é usado para descrever o processo pelo qual as pessoas aprendem a entender os desejos e graus de conforto umas das outras para que possam interagir com respeito e consideração. uma situação deve ser livre de todas as formas de coerção para uma pessoa receber consentimento verdadeiro da outra; da mesma forma, se uma pessoa pede algo e a outra diz que não se sente confortável com isso, a interação ainda pode ser consensual contanto que as duas pessoas respeitem os desejos uma da outra.

Se conseguíssemos desenvolver uma maneira de abordar essas situações que focasse em promover comunicação e compreensão ao invés de estabelecer quem está errado, poderia ser mais fácil para as pessoas que cometem violações de limites ouvirem e aprenderem com as críticas e menos estressante para as pessoas que tiveram seus limites

ultrapassados resolverem esses casos. Sempre que uma pessoa sente que seus desejos não foram respeitados, independente das evidências que um tribunal de justiça encontraria para sustentar ou não acusações de agressão sexual, todas as pessoas envolvidas na situação precisam se responsabilizar pelas formas que não se comunicaram ou respeitaram umas às outras e descobrir como garantir que isso não volte a acontecer.

Também precisamos de uma linguagem que dê conta de situações em que os papéis de perpetrador e sobrevivente não são claros. Identificar uma pessoa como perpetradora pode não fazer sentido se ambas ultrapassaram limites uma da outra e tiveram seus limites ultrapassados.

A linguagem que temos disponível atualmente para descrever essas situações cria uma falsa divisão do mundo entre perpetradorxs e sobreviventes, quando – assim como com opressorxs e oprimidxs – a maior parte das pessoas experienciam ambos os lados da dicotomia uma hora ou outra. Tal binarismo define uma classe de pessoas como inteiramente certa e uma como inteiramente errada, como se alguém arcasse com toda a responsabilização e a outra pessoa não tivesse responsabilidade alguma ou nenhuma forma de tornar seu relacionamento mais consensual. Nos casos extremos, esse é de fato o caso, mas também precisamos ser capazes de abordar

todos os outros casos, em que ambas as partes poderiam melhorar sua sensibilidade e habilidades de comunicação.

Precisamos de uma maneira de conceituar e comunicar sobre nossas interações, uma que leve em conta todos os nossos diferentes limites – sexuais, românticos, e platônicos – e as formas que podem ser ultrapassados. Praticar consentimento e respeitar os limites de outras pessoas é importante tanto em relacionamentos sexuais como em qualquer outro aspecto da vida: ao se organizar juntxs, viver coletivamente, planejar ações diretas de maneira segura. Relacionamentos não-hierárquicos e consensuais são a essência da anarquia, e precisamos priorizar a busca e o desenvolvimento de consentimento em nossas interações.

Assim como toda experiência é única, deveríamos usar uma linguagem específica para cada uma, ao invés de tentar forçar todas as nossas experiências em categorias abstratas; podemos fazer isso descrevendo cada uma individualmente: como uma violação de limites deliberada, por exemplo, ou uma decisão em que o consentimento foi ambíguo. Podemos nos esforçar para quebrar o estigma e a vergonha que envolvem as questões de agressão sexual, abrindo diálogo sobre interações não-consensuais de todos os tipos. Ao desenvolver nossas habilidades de comunicação sobre nossas histórias de abuso e abusadorx, nossas histórias sexuais, nossos desejos, podemos criar espaços para começar a falar das áreas nubladas do consentimento.

Precisamos alimentar uma cultura que leve em conta o fato que, apesar do desespero que temos em querer ser bons para as pessoas que amamos, às vezes cometemos erros, falhamos em ser verdadeirxs, e ultrapassamos limites. Precisamos apoiar tanto sobreviventes como perpetradorxs: não para desculpar ações não-consensuais, mas porque todxs nós precisamos nos livrar dos efeitos nocivos de viver em uma sociedade hierárquica e capitalista, precisamos trabalhar juntxs.

Abordar essas questões não é negar que existe agressão sexual, e nem defendê-la como um comportamento aceitável. Pelo contrário, é exigir que reconheçamos que vivemos em uma cultura de estupro: uma cultura em que agressões sexuais são generalizadas, assim como as forças e dinâmicas que as promovem. Agressões sexuais são uma parte de cada umx de nós que crescemos nessa sociedade; não podemos ignorar isso, ou fingir que, porque fomos agredidxs ou porque trabalhamos para viver a anarquia em todos os aspectos de nossas vidas, não somos capazes de cometer uma agressão sexual. A única forma de nos livrarmos de agressões sexuais é tornar essas questões acessíveis. Isso significa que devemos tornar seguro o suficiente para se expor como agressorx, para que cada umx de nós possa resolver, abertamente, honestamente, e sem medo, tudo, dos menores atos de desconsideração às violações de limites mais séria. Somos todxs sobreviventes; somos todxs perpetradorxs.